

REVISTA REVIVER

Jesus, a oferta de Deus



Líderes de
Esperança

Sumário

01	O nascimento de Cristo	04
02	A apresentação no templo	05
03	A visita dos pastores	06
04	A visita dos magos	07
05	Sua infância	08
06	Na presença dos doutores da lei	09
07	Sua generosidade	10
08	O batismo	11
09	No deserto da tentação	12
10	O primeiro milagre	13
11	Encontro com a samaritana	14
12	O evangelho eterno	15
13	O sábado	16
14	Um milagre	17
15	O bom pastor	18
16	Um reino de amor	19
17	A entrada triunfal	20
18	A purificação do templo	21
19	A Páscoa	22
20	O salvador do mundo	23
21	O Getsêmani	24
22	A prisão	25
23	Na presença de Anás e Caifás	26
24	O triste fim de Judas	27
25	Na presença de Pilatos	28
26	Na presença de Herodes	29
27	A rejeição e humilhação	30
28	A condenação	31
29	O castigo de cruz	32
30	A via dolorosa	33
31	O castigo de dor	34





JESUS, A OFERTA DE DEUS

Muitas vezes, somos levados a fazer inúmeros apelos para conscientizar as pessoas do valor da oferta para nossa vida espiritual, e de sua importância para a manutenção da causa de Deus. Mas a oferta só faz sentido na vida do crente quando sua motivação parte do seu relacionamento pessoal com Cristo, entendendo que Ele foi a oferta de Deus e que devemos também nos entregar como oferta. Nestas meditações Reviver, vamos entender o valor da oferta no plano de redenção, vamos entender, de maneira profunda, que a entrega de Cristo por nós não foi um plano aleatório, mas algo que, desde a eternidade, foi programado por Deus para nos salvar. E vamos entender, então, que Cristo voluntariamente se entregou, assumindo todas as proporções de nossa culpa, e que hoje intercede continuamente diante do Pai, sendo, assim, a oferta perfeita para nossa salvação.

Ele nos deixou o seu exemplo dando a maior oferta para que nós fossemos comprados com um alto preço, um preço de sangue. Ele deu o seu melhor, entregando o seu próprio Filho. Quando nos prostramos diante da cruz e vemos os braços abertos de Cristo, entendemos que dinheiro nenhum é suficiente para expressar nosso amor e agradecimento. Só nos resta a opção em dizer: Senhor, eu me rendo! Eu entrego a mim mesmo, para seu completo domínio: eu sou a oferta.

Pr. Elmir P. Santos

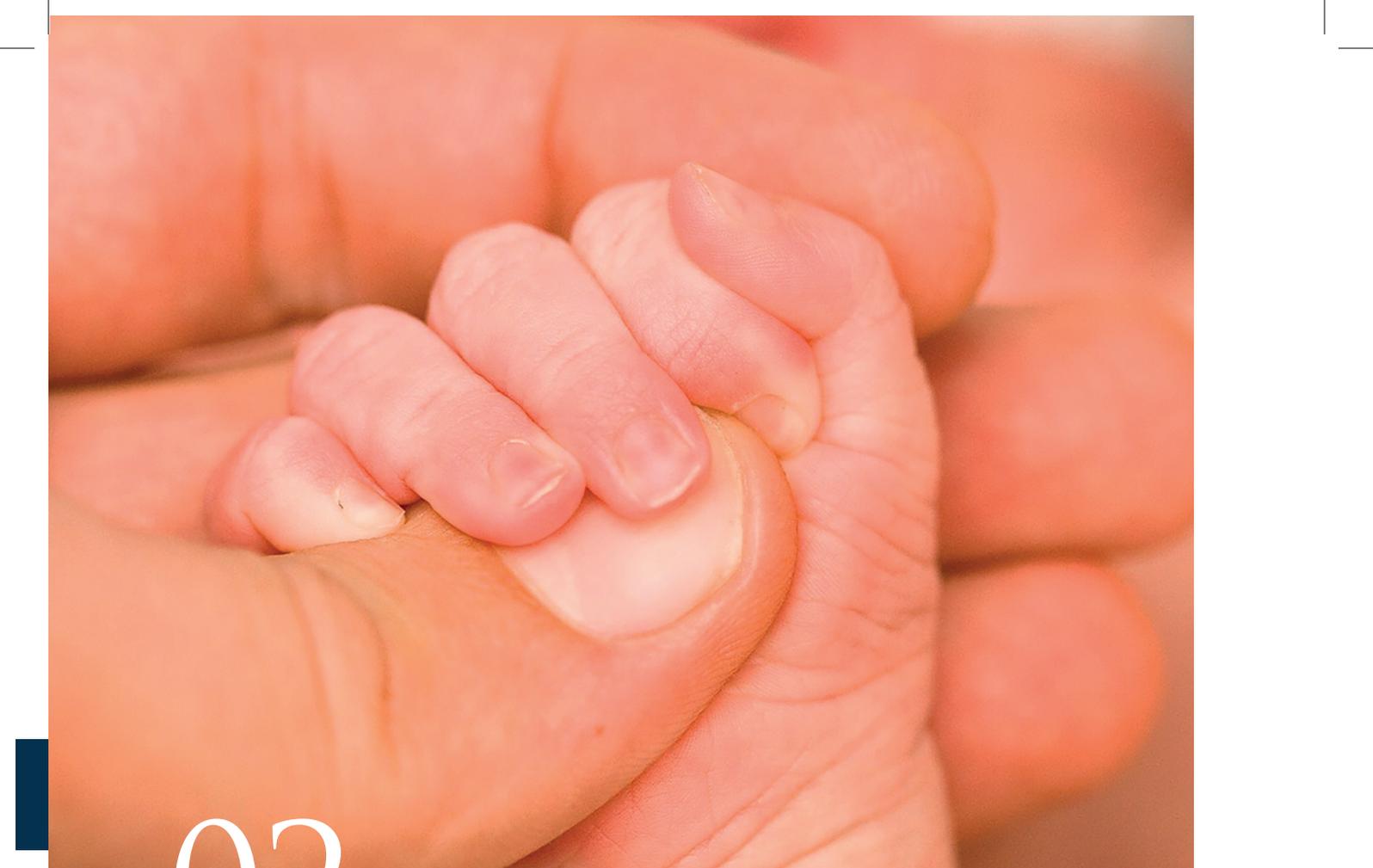


01 O NASCIMENTO DE CRISTO

Nazaré era uma pequena cidade, localizada entre colinas. Era uma cidade simples, onde moravam José e Maria; estes foram escolhidos por Deus para serem os pais de Jesus. Quando o menino estava prestes a nascer, eles desceram a Belém para cumprir um decreto, que convocava todos para um recenseamento, e eles deveriam registrar ali os seus nomes. Esta viagem não seria fácil, porque, além das complicações naturais - como sol, calor e estradas difíceis -, deveriam ter todo cuidado, pois, Maria estava prestes a dar à luz. Chegando a Belém, não encontraram nenhum lugar nos hotéis, para que pudessem descansar tranquilamente. Foi-lhes cedido um lugar humilde, onde animais que serviam aos homens descansavam: um estábulo. Foi em uma rude manjedoura que nasceu o Salvador do mundo, Aquele que vivia nas cortes celestiais em Seu trono de glória, com toda formosura, onde era adorado por todos os anjos do Céu.

O nascimento de Cristo foi destituído de grandeza mundana. “Contudo, Seu nascimento foi muito mais honrado do que o de qualquer dos filhos dos homens. Anjos celestiais informaram aos pastores do advento de Jesus, e luz e glória de Deus acompanharam seu testemunho. O exército celestial tocou suas harpas e glorificou a Deus. Triunfantemente, anunciaram o advento do Filho de Deus a um mundo caído a fim de cumprir a obra da redenção e trazer paz, felicidade e vida eterna ao homem, mediante Sua morte. Deus honrou o advento de Seu Filho. Os anjos O adoraram” (PE, pág. 153).

Aquele que criou o Céu e a Terra Se colocou em uma posição de tamanha humilhação por amor à humanidade. Cristo espera hoje que nos entreguemos totalmente a Ele, assim como Ele Se entregou ao Pai. Essa deve ser a nossa resposta de fé diante desse imensurável amor, pois ninguém nunca nos amou tanto, e nem nos amará, como Ele nos ama.



02 A APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

“Quando Jesus tinha seis semanas de idade foi apresentado ao Senhor, no templo de Jerusalém” (VJ, pág. 17).

Esta cerimônia apontava para o pacto que Deus fez com a humanidade, de oferecer Seu filho primogênito para salvar o mundo. Esta verdade está cravada em todas as nuances das Escrituras Sagradas.

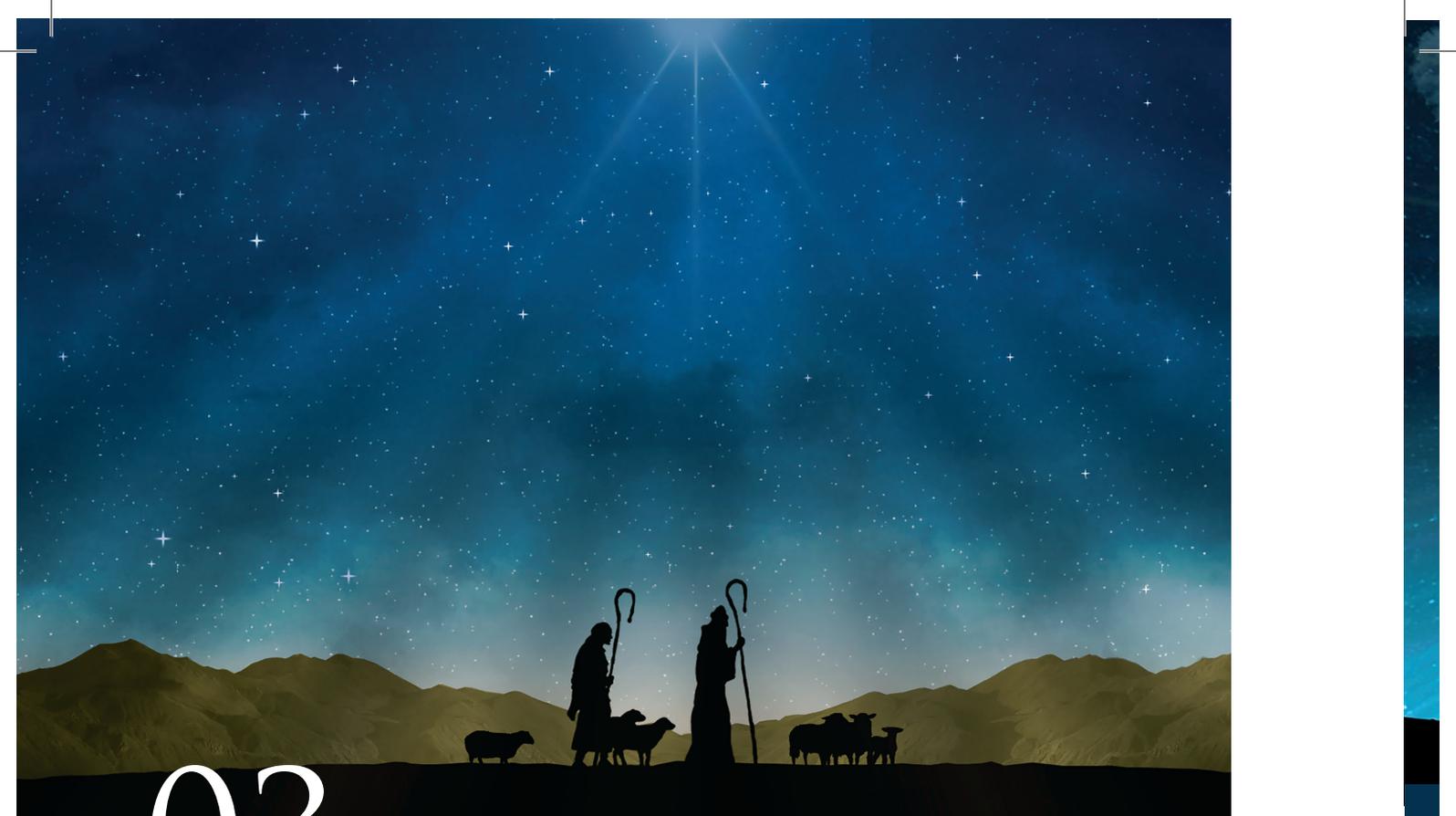
Quando Israel estava para ser libertado da escravidão egípcia, a dedicação do primogênito foi novamente instituída pelo Senhor: “Consagra-me todo primogênito; ... tanto de homens como de animais, é meu” (Êx 13:2).

Na apresentação do menino Jesus no templo, o sacerdote, acostumado com o formalismo, não pôde imaginar a grandiosidade daquela cerimônia, pois segurava em seus braços o Salvador do mundo.

“O sacerdote fez a cerimônia de seu serviço oficial... Depois de a devolver à mãe, inscreveu o nome “Jesus” na lista dos primogênitos. Mal pensava ele, enquanto a criança lhe repousava nos braços, que era a Majestade do Céu, o Rei da Glória. Não pensou o sacerdote que essa criança era Aquele de quem Moisés escrevera, não pensou que essa criança era Aquele cuja glória Moisés rogara ver” (DTN, pág. 52).

Assim é ainda hoje. O homem, em um mundo corrompido pelo pecado, não consegue distinguir o rosto amoroso do nosso grande benfeitor.

“A verdade divina deve ser o objeto de sua contemplação e meditação. Deve ele considerar a Bíblia como a voz de Deus a ele falando diretamente. Achará, assim, a sabedoria, que é divina.”



03 A VISITA DOS PASTORES

O nascimento de Cristo não foi simplesmente um acontecimento histórico, mas um marco decisivo na salvação do homem, a grandiosa parte divina no plano da redenção, executada pelo próprio Deus.

“As novas de Seu nascimento e o maravilhoso significado de Sua missão tinham sido amplamente divulgados. Todavia, Jerusalém não estava se preparando para receber o Redentor” (DTN, pág. 44)

Os líderes religiosos responsáveis por apresentar Deus para toda a nação de Israel e às nações vizinhas estavam tão envolvidos com a ostentação do cargo, que não perceberam o tempo profético em que viviam. “Era desejo de Deus que Seu povo soubesse a respeito da vinda de Seu Filho ao mundo. Os sacerdotes deviam ter ensinado o povo a esperar o Salvador, porém, eles próprios não sabiam sobre a vinda do Messias. Por isso, Deus enviou Seus anjos para anunciar aos pastores que

Cristo havia nascido e onde eles poderiam encontrá-Lo” (VJ, pág. 21)

“Não foi somente nas colinas da Judéia, nem apenas entre os humildes pastores, que os anjos encontraram os que se achavam vigilantes pela vinda do Messias. Na terra dos gentios havia também os que por Ele esperavam; eram homens sábios, ricos e nobres filósofos do Oriente. Estudiosos da natureza, haviam os magos visto a Deus em Sua obra” (GC, pág. 315).

Naquele tempo, estes homens, que vieram à procura do Messias, eram considerados, pelos Judeus, como pagãos. Estes gentios é que tiveram o privilégio de estar entre os primeiros a adorar Jesus.

Que lição nos ensina esta história! Percebemos o quanto Deus reprova a incredulidade, o orgulho e o amor-próprio. Ele nos convida a estar atentos aos sinais dos tempos, pois não sabemos nem o dia, nem a hora de Sua volta. Não podemos ficar indiferentes a esta mensagem.



04 A VISITA DOS MAGOS

Quando Herodes ficou sabendo do nascimento de Cristo, teve medo de Ele tomar o seu lugar no trono. Disse aos magos que gostaria de adorá-Lo, mas, na realidade, ele desejava saber onde estava o menino para poder matá-Lo.

Porém, em sonho, Deus os advertiu, dizendo que não deveriam ter mais contato com o ganancioso Herodes e que eles deveriam voltar para sua terra por outro caminho.

“De igual maneira, recebeu José um aviso de fugir para o Egito, com Maria e a criança. E o anjo disse: ‘E demora-te lá até que eu te diga: porque Herodes há de procurar o Menino para O matar’ (Mt 2:13). José obedeceu sem demora, pondo-se em viagem à noite, para maior segurança” (DTN, pág. 64).

“Os magos deram valiosos presentes a Jesus, e assim Deus proveu os meios para as despesas da viagem e sua estada no Egito, até o retorno à sua própria terra” (VJ, pág.27).

Herodes ficou extremamente irado

quando ficou sabendo que os magos haviam voltado para sua terra por outro caminho; e “mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo...” (Mt 2:16).

Assim aconteceu a morte de centenas de crianças. Foi devido à ira de Herodes, que Deus pediu, a Maria e José, que fugissem para o Egito e permanecessem lá, até a morte dele.

O plano de Satanás era aproveitar a oportunidade que o Filho de Deus havia assumido a natureza humana e destruí-Lo, com seu poder. Mas seu plano foi frustrado, pois o poder dos altos Céus estava protegendo a pequena criança. Os anjos de Deus faziam, com prazer, uma barreira contra as forças hostis de Satanás.

Os anjos de Deus também protegem a cada um de nós. Se não fosse esta interferência divina, as forças do mal destruiriam, de alguma forma, os filhos de Deus.



05 SUA INFÂNCIA

Jesus passou a Sua infância em um pequeno povoado que ficava no alto das montanhas. Poderia ter escolhido os palácios dos reis ou as mais finas nações de ricos mercadores. Mas Ele escolheu viver entre os pobres da pequena vila de Nazaré.

Jesus viveu em um mundo de pecado, mas não Se deixou contaminar por ele. Pelo contrário, Sua infância e juventude foram um exemplo de vida.

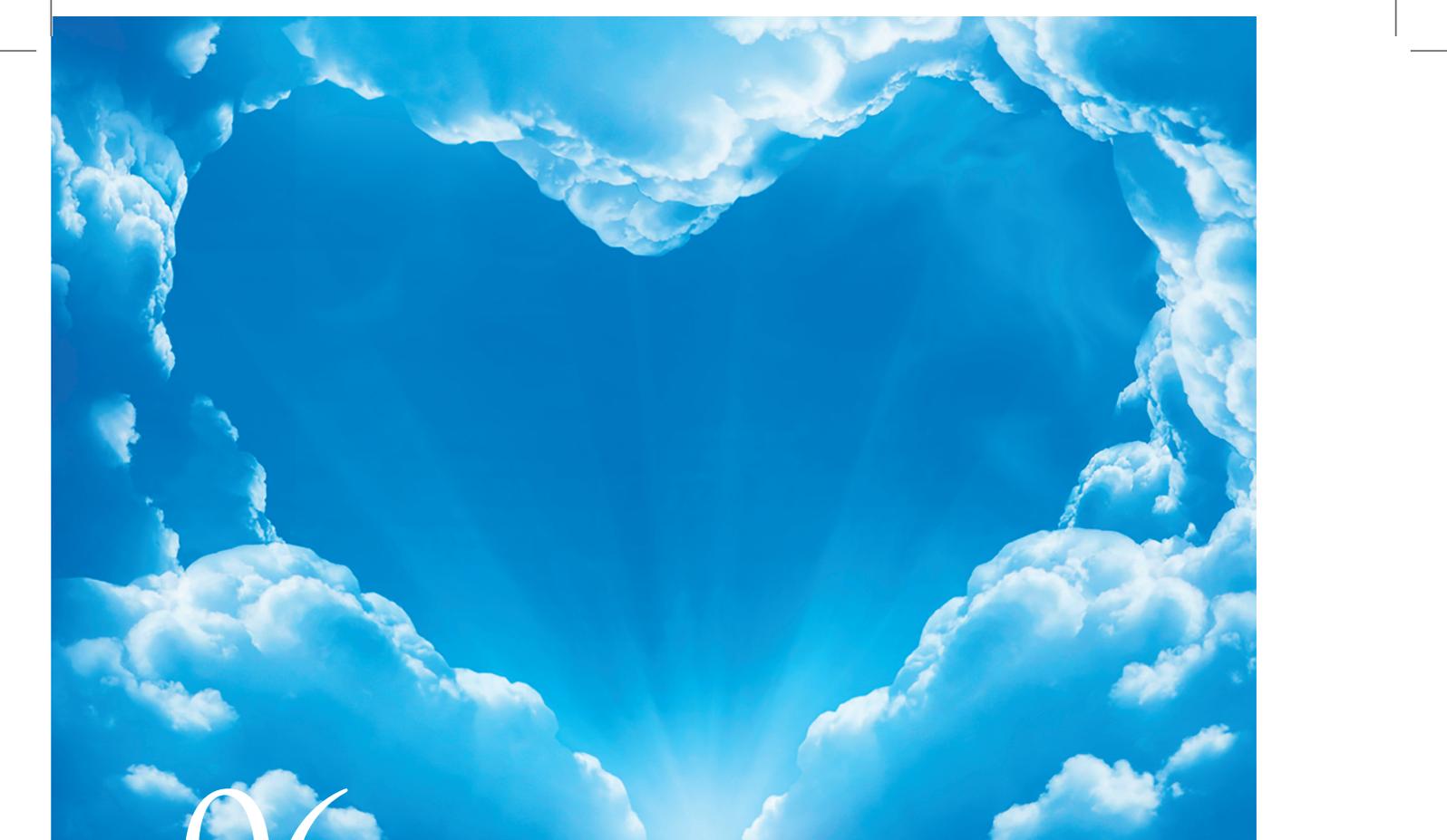
Ao contrário do que muitos pensam, Nazaré possuía também fortes apelos para o mundanismo, mas Jesus concentrou Sua mente na vontade do Pai.

“Trabalhando ao banco de carpinteiro, desempenhando as responsabilidades da vida doméstica, aprendendo as lições da obediência e da labuta, encontrava recreação entre as cenas da natureza, colhendo conhecimento enquanto buscava

compreender os mistérios dessa natureza” (CBV, pág.52).

A Bíblia diz: “Crescia o menino e Se fortalecia, enchendo-Se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele. E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2:40 e 52).

“Era atencioso e gentil com os mais idosos e pobres, e mostrava bondade até com os animais. Cuidava com carinho de um pássaro ferido e cada ser vivo sentia-se mais feliz em Sua presença” (VJ, pág. 29). Toda criança, ou qualquer um de nós, pode adquirir conhecimento, assim como Jesus. Deveríamos gastar tempo em aprender apenas o que é verdadeiro. Falsidade e fábulas não nos fazem bem. Somente a verdade tem valor, e isso podemos aprender na Palavra de Deus e em Suas obras.



06 NA PRESENÇA DOS DOUTORES DA LEI

O menino Jesus estava, pela primeira vez, diante do templo. Podemos imaginar Sua emoção. Ali Ele pôde contemplar os sacerdotes com suas vestes brancas realizando as cerimônias, que, na realidade, apontavam para Ele, Jesus. Viu também os animais inocentes sendo sacrificados.

“Jesus, no templo, fora instruído por Deus. Aquilo que recebera, começou imediatamente a comunicar” (DTN, pág. 78). “Os rabis sabiam que Jesus não havia sido instruído em suas escolas; no entanto, Seu conhecimento das profecias excedia em muito o deles próprios [...]

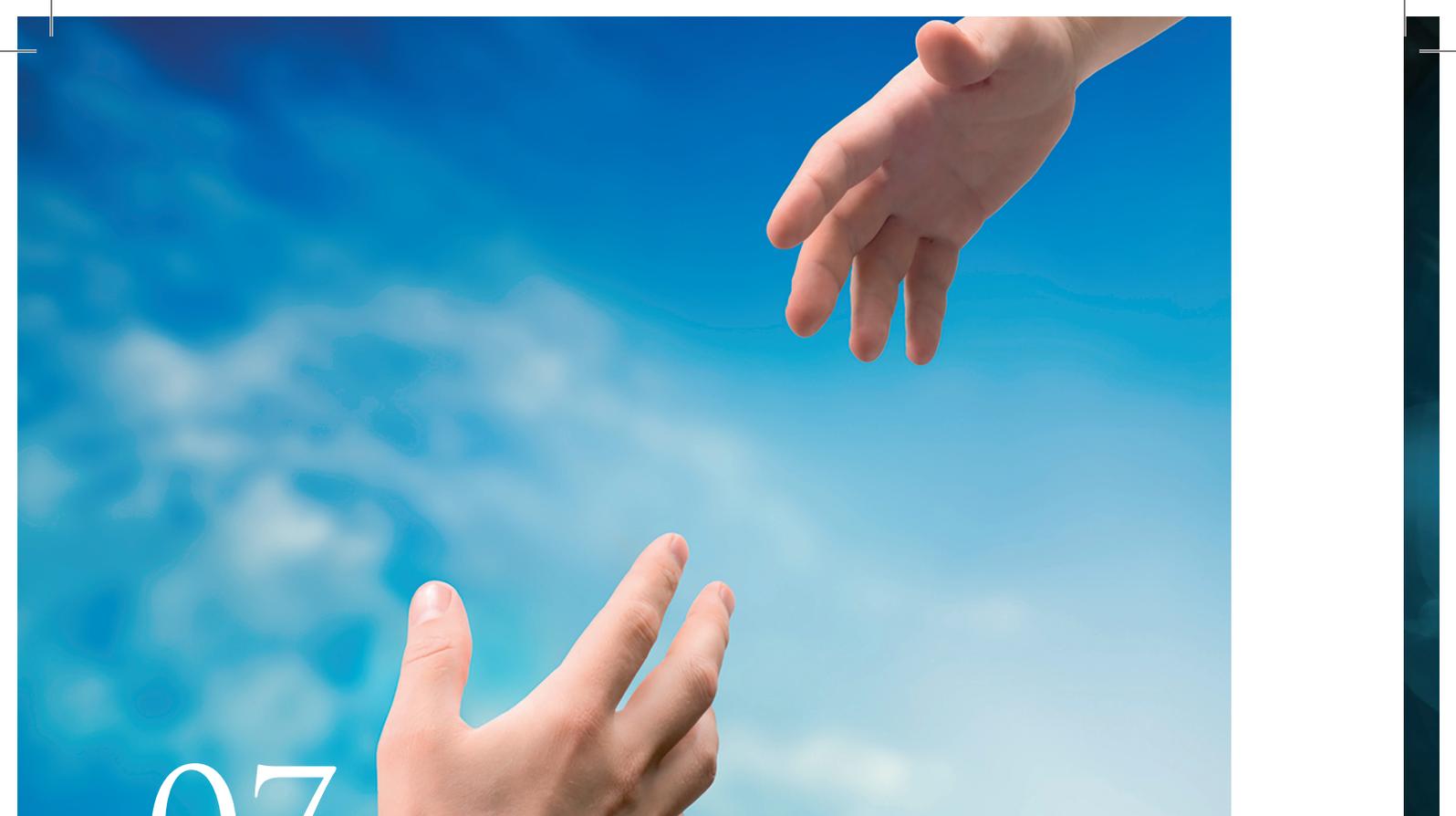
A modéstia juvenil e a graça de Jesus lhes desarmava os preconceitos. Inconscientemente, seu espírito abriu-se à Palavra de Deus, e o Espírito Santo lhes falou ao coração” (DTN, pág.80).

Ao deixarem Jerusalém para retornar ao lar, José e Maria não perceberam a ausência de Jesus. Pensaram que Ele

estivesse ali por perto, junto com Seus amigos e companheiros. Mas, quando o sol estava a se pôr e chegava a noite, sentiram Sua falta e começaram a procurá-Lo entre o grupo, porém, em vão. Voltaram a Jerusalém e, depois de alguns dias, O encontraram no templo.

“Se José e Maria houvessem firmado a mente em Deus, mediante meditação e oração, teriam avaliado a santidade do depósito que lhes era confiado, e não teriam perdido de vista a Jesus. Pela negligência de um dia perderam o Salvador; custou-lhes, porém, três dias de ansiosas buscas o tornar a encontrá-Lo” (DTN, pág. 83).

Será que as atividades do dia a dia, a luta pela sobrevivência ou afazeres não têm tirado nossa atenção de Cristo? Tem você trilhado caminhos distantes do Mestre e o seu coração está triste, amargurado e desanimado?



07 SUA GENEROSIDADE

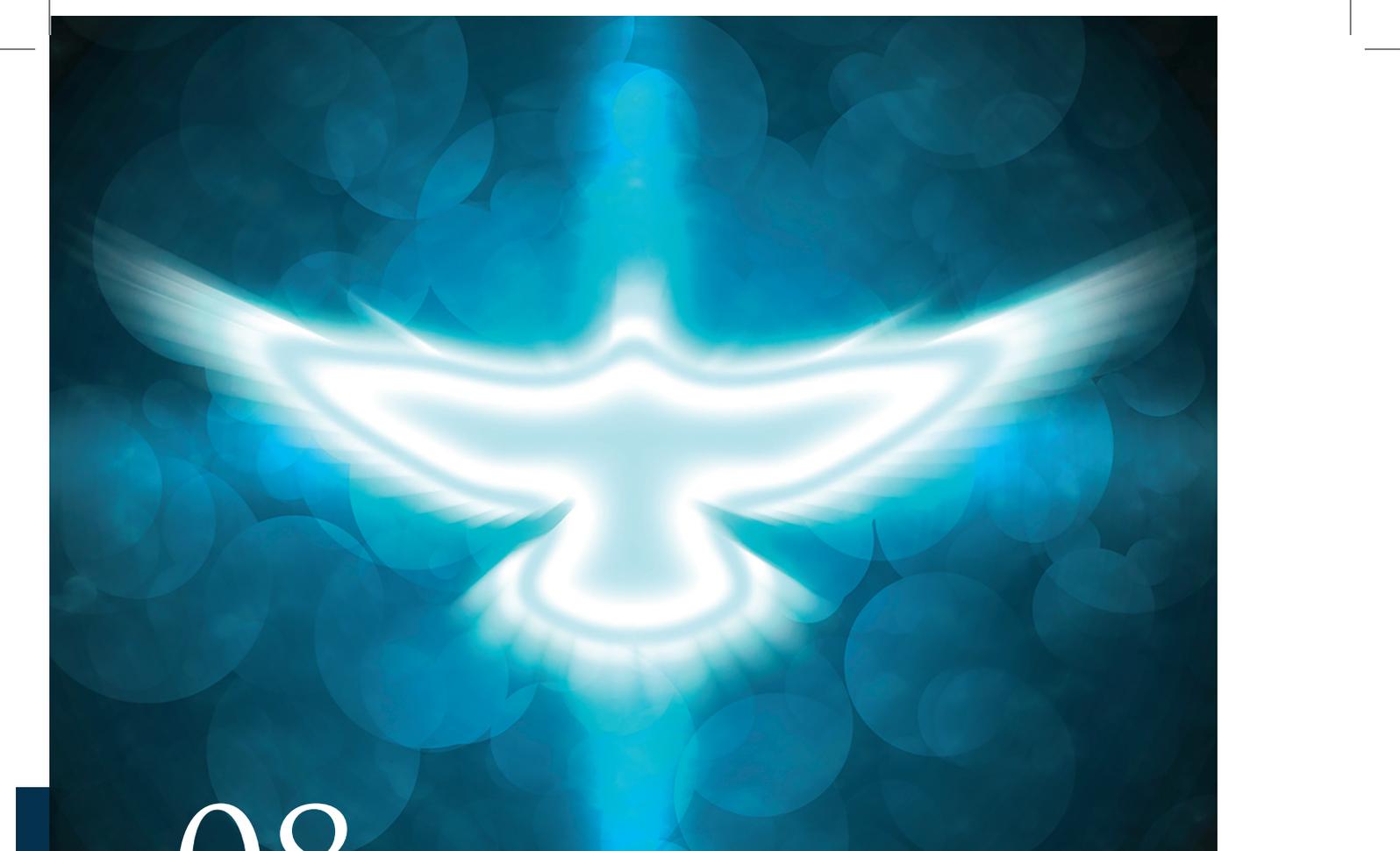
A grande satisfação de Jesus era poder ajudar Seus semelhantes. “Jesus empenhava-Se continuamente em tornar os outros felizes. Como era tão cortês e amável, os rabinos esperavam que um dia Ele Se sujeitasse aos seus ensinamentos. Porém, não foi assim. Quando pressionado a obedecer às suas regras, Ele mostrava o que a Bíblia ensinava. Tudo o que ela dissesse, Ele estaria disposto a obedecer. Tal atitude irritava os mestres. Sabiam que suas regras eram contrárias à Bíblia, todavia, exigiam que Jesus obedecesse a elas” (VJ, pág.37).

Os rabinos, na época de Cristo, colocavam duras cargas sobre o povo. Estavam mais preocupados em tirar proveito próprio, do que aliviar o peso do pecado do povo. Não admitiam, em hipótese alguma, que alguém contrariasse seus ensinamentos. Pelo fato de se julgarem superiores, os rabinos não se associavam a pessoas comuns. Desprezavam os pobres, doentes e sofredores, deixando-os

de lado, sem esperança e conforto. “Aos sedentos e famintos, sempre lhes trazia um copo de água fria e, com frequência, repartia com eles Seu próprio alimento. Tudo isso desagradava Seus irmãos. Eles O ameaçavam e tentavam aterrorizá-Lo, mas Jesus não abandonava Sua posição firme, fazendo o que Deus havia ordenado” (VJ, pág.39).

“Satanás era infatigável em seus esforços para vencer a Criança de Nazaré. Desde Seus primeiros anos, Jesus era guardado por anjos celestiais, todavia, Sua vida foi uma longa luta contra os poderes das trevas” (VJ, pág.71).

Jesus concentrou Sua total atenção em salvar a humanidade. Ele sabia que, para isso, nada poderia desviá-Lo do Pai, pois dEle vinha toda fonte de poder, e, só assim, seria vencedor. As perseguições dos rabinos e as críticas dos líderes, não poderiam desviar a atenção de Jesus de Sua grande missão: salvar a humanidade.



08 O BATISMO

O ministério público de Jesus teve início com o Seu batismo, ao dirigir-Se às margens do rio Jordão para ser batizado por João Batista. Este havia sido enviado para preparar o caminho do Salvador.” (Mr 1:15).

Pessoas de todos os lugares vinham ao deserto para ouvir as suas palavras, que, na verdade, eram um convite para o arrependimento e preparo para o encontro com o Messias.

“O Senhor havia revelado a João que, algum dia, o Messias viria a ele e pediria para ser batizado. Havia também a promessa de que um sinal lhe seria dado, de modo que ele pudesse saber quem era.

Ao pedir, Jesus, o batismo, João recusou, exclamando: ‘Eu careço de ser batizado por Ti, e vens Tu a mim?’ Com firme, mas branda autoridade, Jesus respondeu: ‘Deixa por agora, porque assim

nos convém cumprir toda a justiça’. E João, cedendo, desceu com o Salvador ao Jordão, sepultando-O nas águas. ‘E logo que saiu da água’ Jesus ‘viu os Céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sobre Ele’ (Mt 3:14 e 15) (DTN, pág. 111).

Cristo venceu Satanás e suas tentações para que nós, nEle, fôssemos vencedores.

“Os mais necessitados, os mais pecadores, os mais desprezados podem ter acesso ao Pai. Quando vamos a Ele, em nome de Jesus, a mesma voz, que falou a Cristo, fala a nós dizendo: ‘Este é o Meu filho amado, em quem Me comprazo’ (Mt 3:17).”

Cristo carregou sobre Si o peso de nossos pecados, e venceu em todas as instâncias, possibilitando, ao ser humano, a vitória. Ele venceu o causador de todas as tentações e, assim, venceu, na base, todas as espécies de pecado.



09 NO DESERTO DA TENTAÇÃO

“Ele estava presente quando Cristo Se apresentou a João para o batismo. Ouviu a voz majestosa ressoando através do Céu e ecoando pela Terra como estrépito de trovão. Viu os relâmpagos das nuvens dos céus e ouviu as respeitáveis palavras de Jeová... Compreendeu que a comunicação do trono de Deus significava que o Céu estava mais diretamente acessível ao homem” (DT, pág.35).

Estava diante de todos, o caminho para a humanidade voltar ao plano original de Deus. Cristo, em Sua humilhação, era exaltado no Céu pelos anjos, e admirado pelo Seu tão grande amor.

“Satanás, que tinha sido um honrado anjo no Céu, ambicionava honras mais exaltadas do que as que Deus dera a Seu Filho. Ele se tornou ciumento de Cristo...” (DT, pág. 11 e 12).

Movido pela ira, ciúmes e rancor, Satanás tentou Jesus com todas as suas forças.

“Quarenta dias Jesus foi tentado por Satanás e, nesses dias, nada comeu. Tudo em redor dEle era desagradável e de modo a fazer a natureza humana recuar. Ele estava com as feras e com o diabo, em um lugar desolado, solitário. O Filho de Deus estava pálido e enfraquecido pelo jejum e sofrimento. Seu caminho, porém, estava traçado, e Ele deveria cumprir a obra que viera fazer.

Satanás tirou vantagens dos sofrimentos do Filho de Deus, e preparou-se para assediá-Lo com múltiplas tentações, esperando obter vitória sobre Ele, porque Se humilhara como um homem” (HR, pág. 198). Mas não conseguiu êxito.

“Satanás sabia o que tinha perdido. Agora temia que seu império sobre o mundo fosse contestado, e quebrado seu poder” (DT, pág. 37). Cristo venceu a Satanás e nos capacitou, pelo Seu poder, a fazer o mesmo.



10 O PRIMEIRO MILAGRE

Jesus foi “Tentado no deserto, bebera Ele próprio o cálice da aflição. Dali saíra para oferecer aos homens uma taça de graças celestiais, mediante Sua bênção, que santificaria as relações da vida humana.

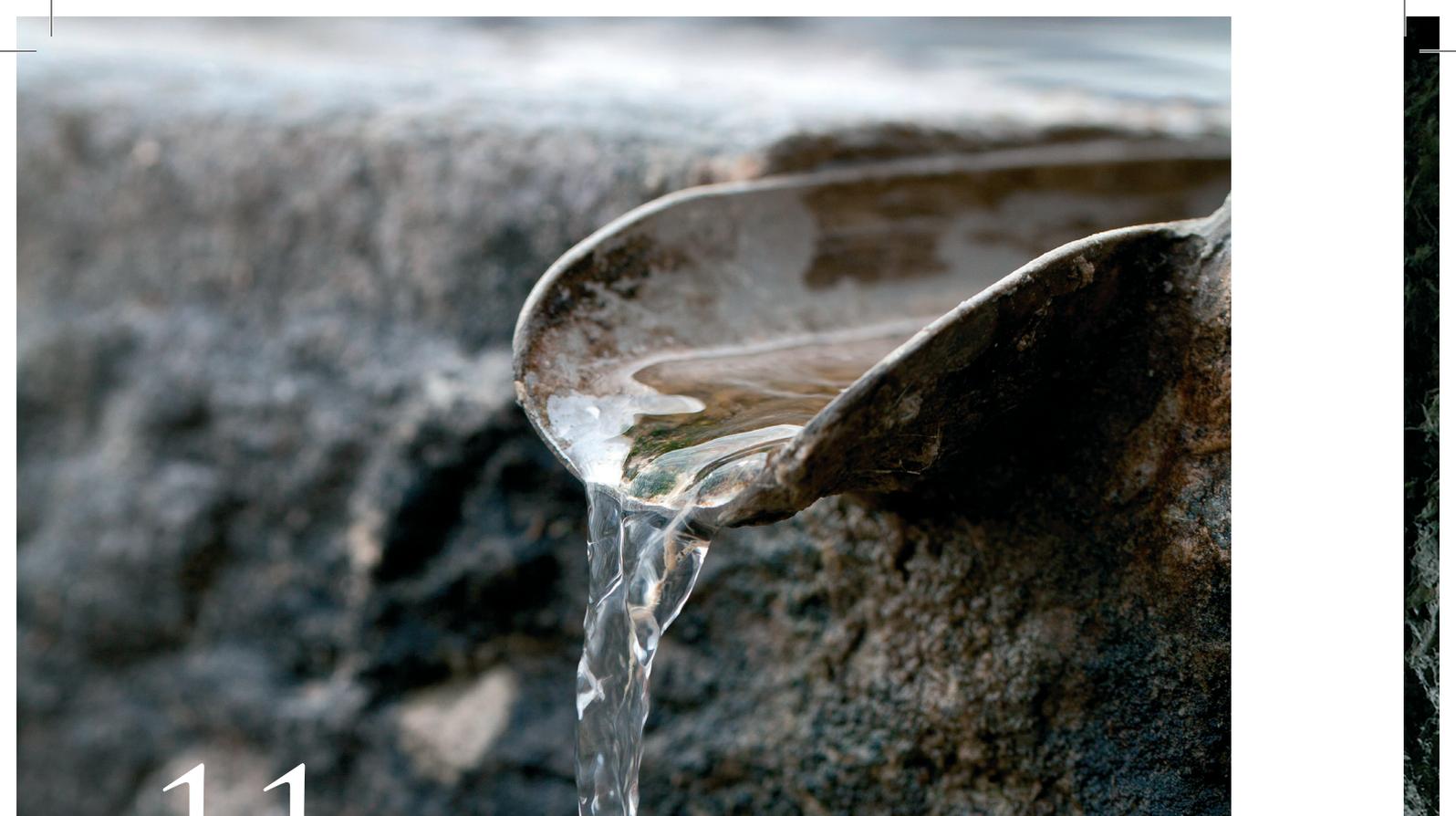
Do Jordão, voltara Jesus à Galiléia. Devia haver um casamento em Caná, pequena vila não distante de Nazaré; os noivos eram parentes de José e Maria; e, sabedor dessa reunião de família, Jesus Se dirigiu a Caná, sendo, com os discípulos, convidado para a festa.” (Todas as Nações, pág. 144)

Foi neste momento que Cristo começou Seu ministério público. Ele chamou os discípulos e estes foram convidando irmãos e amigos para se unirem ao grupo. Assim deve acontecer com os seguidores de Cristo: não devem ficar com a mensagem só para si. O cristão verdadeiro deve testemunhar para todas as pessoas

que estão à sua volta: parentes, amigos e vizinhos.

“Jesus não começou Seu ministério por alguma grande obra perante o Sinédrio, em Jerusalém. Numa reunião familiar, em uma pequenina vila na Galiléia, foi manifestado Seu poder para aumentar a alegria das bodas. Assim mostrou Sua simpatia para com os homens, e o desejo de lhes proporcionar felicidade.”

Foi em uma festa de casamento que Cristo iniciou o seu ministério. Nesta festa, podemos relembrar a obra de Deus no Éden. Após ter criado todo o planeta Terra, Ele criou o homem e a mulher, e realizou o primeiro casamento. Assim, Cristo começa Seu ministério fortalecendo os laços do matrimônio, como um memorando à criação, e dando a oportunidade a cada um de recomeçar.



11

ENCONTRO COM A SAMARITANA

Ao sentar-Se à beira do poço, Jesus desfalecia de fome e de sede. Longa fora a jornada desde a manhã, e agora dardejavam sobre Ele os raios do Sol do meio-dia. À sede era-Lhe acrescida o pensamento da fresca e refrigerante água ali tão perto e, todavia, inacessível para Ele, pois não tinha corda nem cântaro, e fundo era o poço. Cabia-Lhe a sorte da humanidade, e esperou que viesse alguém para tirá-la.

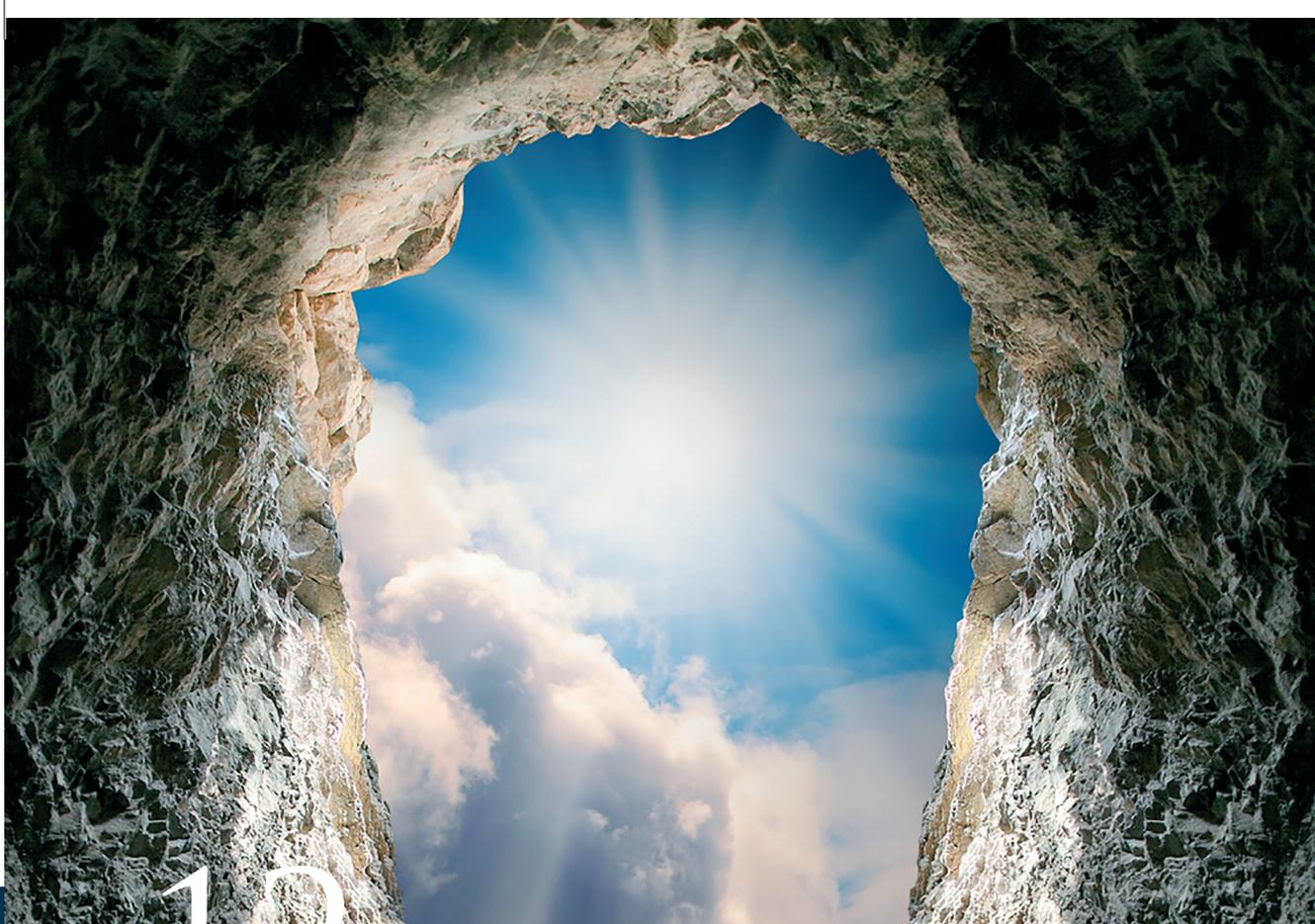
Aproximou-se uma mulher de Samaria e, como inconsciente da presença dEle, encheu de água o cântaro. Ao voltar-se para ir embora, Jesus lhe pediu de beber” (DTN, pág.189).

“A mulher se surpreendeu, pois sabia o quanto os judeus odiavam os samaritanos. Mas Cristo lhe disse que se ela quisesse, Ele daria água viva. A essa declaração, ela se surpreendeu mais ainda. Então Jesus disse à mulher: ‘Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que

beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:13 e 14) (VJ, pág.53 e 55).

“Jesus não queria dar a idéia de que um único gole da água da vida bastasse ao que a recebe. O que experimenta o amor de Cristo anelará continuamente mais; mas não busca nenhuma outra coisa” (DTN, pág. 187).

“Quanto interesse manifestou Cristo nessa única mulher! Quão fervorosas e eloquentes foram Suas palavras! Ao ouvi-las, a mulher deixou seu cântaro e foi à cidade, dizendo aos amigos: ‘Vinde e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura, não é este o Cristo?’ (Jo 4:29). Lemos que ‘muitos dos samaritanos daquela cidade creram nEle’ (Jo 4:39). E quem pode avaliar a influência que essas palavras exerceram para a salvação de pessoas nos anos que se passaram desde então?” (CBV, pág.28).



12 O EVANGELHO ETERNO

“Durante Seu ministério, Jesus visitou duas vezes Seu antigo lar, em Nazaré. Em Sua primeira visita, foi à sinagoga em um sábado.

Ali leu a profecia de Isaías sobre a obra do Messias - como Ele devia pregar as boas novas aos pobres, confortar os abatidos, dar visão aos cegos e curar os enfermos.

Então, disse às pessoas que tudo aquilo havia se cumprido naquele dia. Esse era o trabalho que Ele mesmo estava fazendo.

Ao ouvir essas palavras, os ouvintes se encheram de alegria. Eles creram que Jesus era o Salvador prometido. Seus corações foram tocados pelo Espírito Santo e eles responderam com améns fervorosos e louvores a Deus.

Então recordaram como Jesus havia vivido entre eles como um carpinteiro. Com frequência, viam-No na oficina com José” (VJ, pág.56).

Hoje há aqueles que aceitam Cristo como a solução para sua vida. Mas, infelizmente, encontramos também pessoas que O rejeitam, deixando passar a grande oportunidade de sua vida.

Muitos, tanto naquela época como agora, por toda a vida praticaram atos de bondade e misericórdia, não creram que Jesus era o Messias. Dando lugar a pensamentos como esses, abriram caminho para Satanás controlar sua mente e então se iraram contra o Salvador. Clamaram contra Ele e decidiram tirar-Lhe a vida.

Empurraram-No para diante, dispostos a lançá-Lo de um penhasco. Mas os santos anjos estavam próximos para protegê-Lo. Passando despercebido pela multidão, desapareceu.

Em Sua próxima visita a Nazaré, o povo não estava mais disposto a recebê-Lo. Afastou-Se dali para não mais retornar.



13 O SÁBADO

“Jesus guardou o sábado e ensinou Seus discípulos a guardá-lo. Ele sabia como o dia de repouso devia ser observado, pois Ele mesmo o santificara.

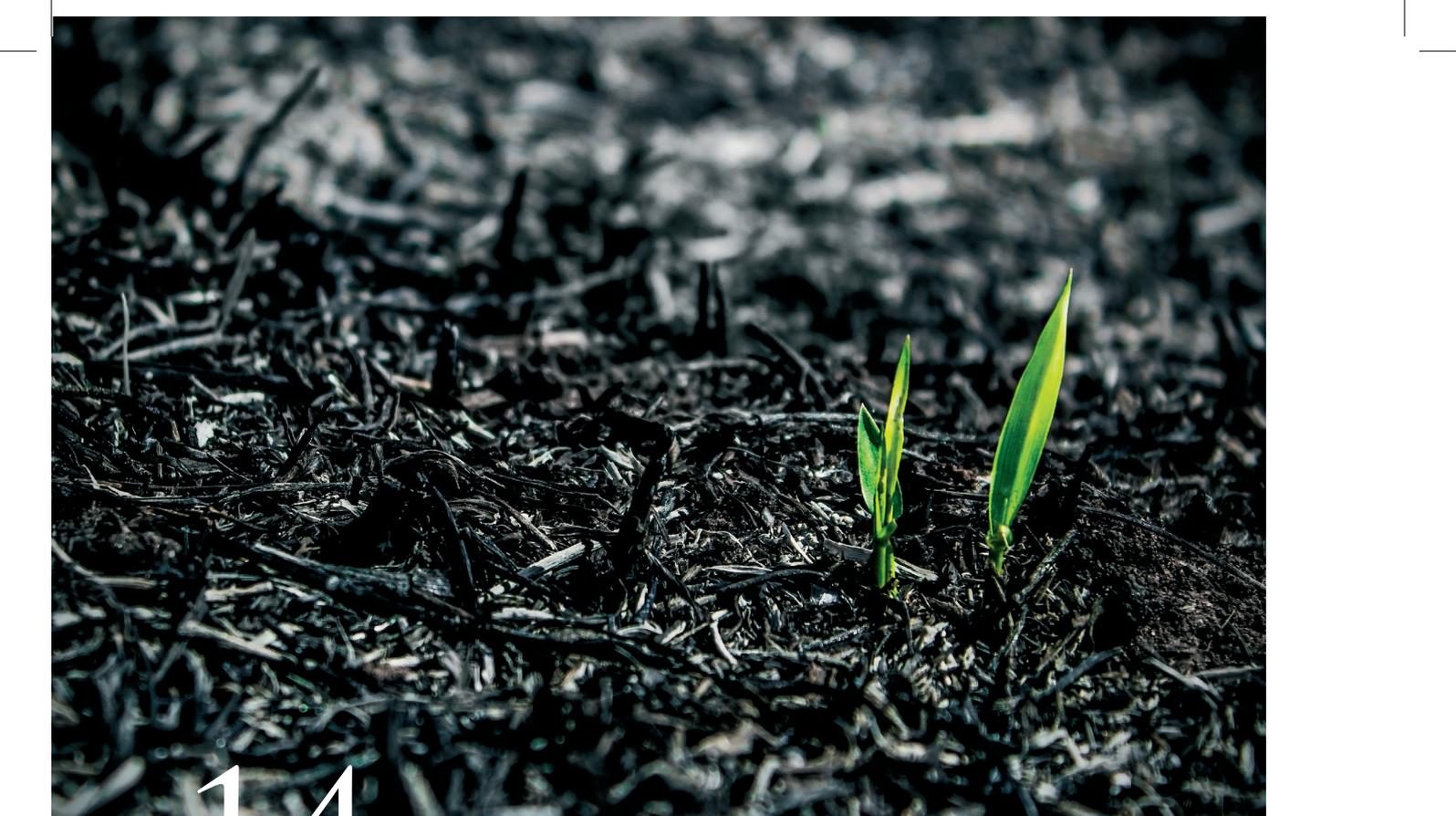
Diz a Bíblia: ‘Lembra-te do dia de sábado, para o santificar’ (Êx 20:8). ‘O sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; ... porque, em seis dias, fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou’ (Êx. 20:10 e 11). Cristo trabalhou com Seu Pai ao criar a Terra e foi Ele quem fez o sábado” (VJ, pág. 67).

O exemplo de Cristo deve mover o cristão a verdadeiramente observar o dia do Senhor. No sábado, Jesus se ocupava em realizar a obra de Deus. Assim como Ele, não devemos cuidar de nossos próprios interesses nesse dia. “No tocante à observância do sábado, estudamos o exemplo e os ensinamentos de Cristo, cujos

sábados frequentemente eram passados em diligente esforço para curar e ensinar; que criamos que uma de nossas irmãs, que estava cuidando de uma família doente, observava tanto o sábado como aquele que dirigia uma divisão na Escola Sabatina” (ME1, pág. 259). Viver como Cristo viveu é o desafio do cristão: levar uma vida de equilíbrio, procurando, através da obediência, exaltar a Deus.

A observância do sábado é nada mais do que uma exaltação ao nosso Deus Criador. A maior exaltação a Deus nesse dia é buscar desfazer a obra do mal na vida das pessoas, para que o nome de Deus possa ser exaltado nelas.

O sábado nos mostra a certeza da salvação. Deus tem preparado um descanso eterno para Seus filhos, livre de toda dor e sofrimento, que só poderemos alcançar, através da aceitação do nosso amado Cristo Jesus.



14 UM MILAGRE

Na época de Cristo, o princípio da guarda do sábado havia sido deturpado. Cristo desejava corrigir tais erros, chamando atenção para a forma correta da observância do Sábado.

“... o Salvador viu um caso de supremo infortúnio. Era o de um homem que estava inválido há trinta e oito anos. Sua doença era, em grande parte, resultado de seus hábitos maus, e era considerada como um juízo de Deus. Sozinho e sem amigos, sentindo-se excluído da misericórdia de Deus, o enfermo havia passado longos anos de miséria. Na hora em que se esperava o movimento das águas, os que se compadeciam de seu desamparo o levavam para os alpendres. Mas, no momento exato, ninguém o ajudava a entrar. Ele vira a agitação das águas, mas jamais conseguira chegar além da margem do tanque. Outros, mais fortes que ele, imergiam primeiro. O pobre e impotente enfermo não podia competir

com a multidão mais ágil e egoísta. Os persistentes esforços na perseguição daquele único objetivo, e a ansiedade e contínua decepção, estavam minando rapidamente as forças que lhe restavam.

Jazia o enfermo em sua esteira, erguendo às vezes a cabeça para olhar o tanque, quando o terno e compassivo rosto se curvou para ele, e lhe prenderam a atenção, as palavras: “Queres ficar são?” Jo 5:6. Nasceu-lhe no coração a esperança. Voltou-se fatigado, dizendo: “Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim” Jo 5:7.

Jesus ordena-lhe: “Levanta-te, toma a tua cama e anda.” João 5:8. A fé do paraplético apega-se à palavra de Cristo. Sem replicar, dirige sua vontade no sentido da obediência e, assim fazendo, todo o seu corpo corresponde” (CBV, pág. 81 a 84). E o paraplético ficou curado.



15 O BOM PASTOR

“O Salvador caracterizou a Si mesmo como o bom Pastor e, aos Seus discípulos, como o Seu rebanho. Ele disse: ‘Eu sou o bom Pastor; conheço as Minhas ovelhas, e elas Me conhecem a Mim’ (Jo 10:14).” (VJ, pág.75).

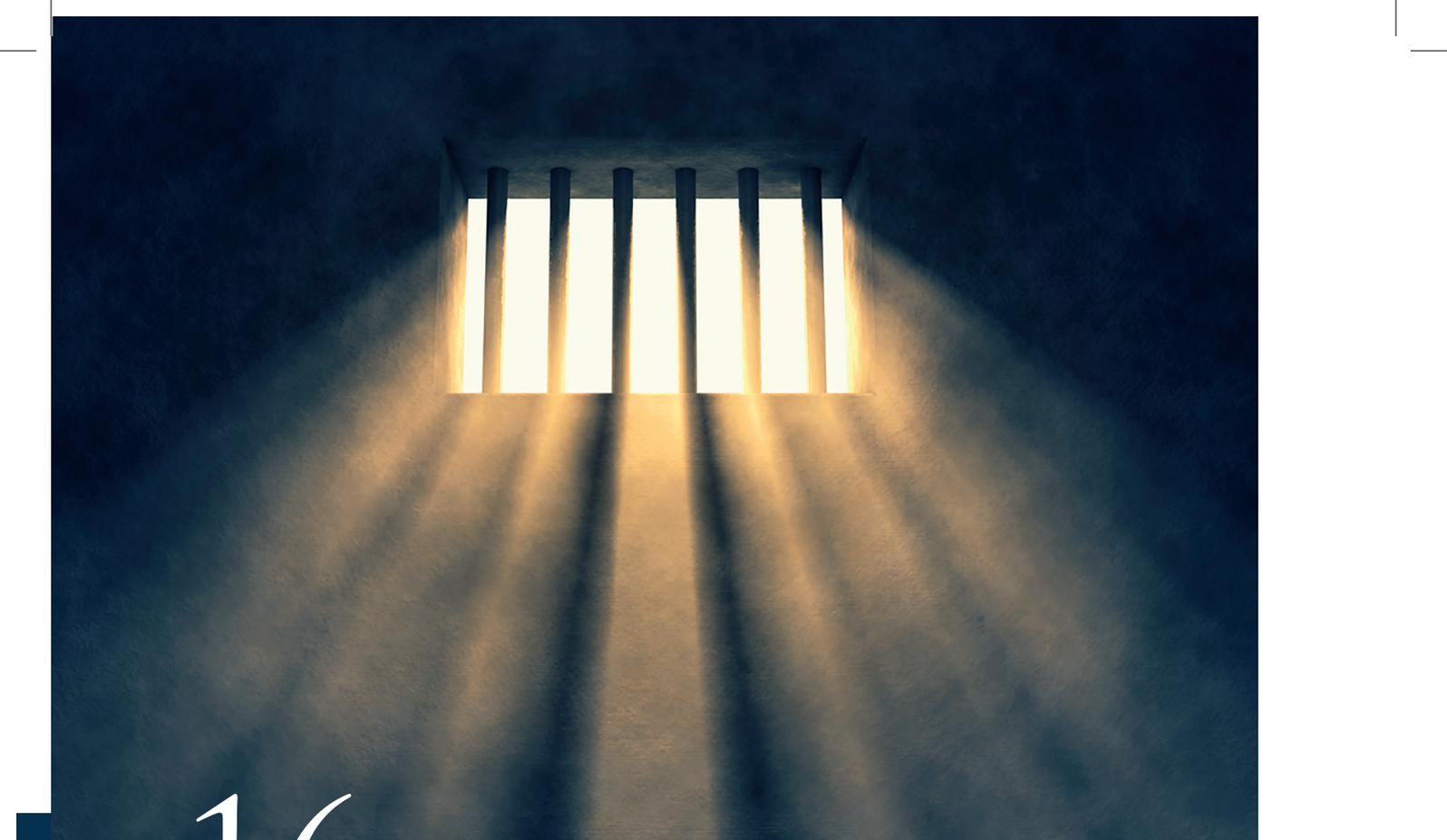
“Ao conduzir, o pastor, seu rebanho em pedregosas colinas acima, através de florestas e barrancos abruptos, a relvosos recantos à margem da corrente; ao vigiá-lo sobre as montanhas através da noite silenciosa, protegendo-o contra os ladrões, cuidando ternamente da enferma e da fraca, sua vida se chega a identificar com a das ovelhas. Um forte e terno apego o liga aos objetos de seu cuidado. Por grande que seja o rebanho, o pastor conhece cada ovelha. Cada uma tem seu nome, e a ele atende, ao chamado do pastor.

Como o pastor terrestre conhece as ovelhas, assim o divino Pastor conhece o Seu rebanho, espalhado por todo o

mundo. ‘Vós pois, ó ovelhas Minhas, ovelhas do Meu pasto: homens sois, mas Eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová’ (Ez 34:31). Afirmo Jesus: ‘Chamei-te pelo teu nome, tu és Meu’ (Is 32:1). ‘Nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado’ (Is 49:16)” (DTN, pág. 479).

Jesus nos conhece individualmente, e comove-Se ante nossas fraquezas. Conhece-nos a todos por nome. Sabe até a casa em que moramos, o nome de cada um dos moradores. Tem por vezes dado instruções a Seus servos para irem a determinada rua, em certa cidade, a uma casa designada, a fim de encontrar uma de Suas ovelhas.

“Assim o Salvador guarda Seu rebanho de discípulos e vigia sobre ele, indo adiante. Ele viveu na Terra, como nós. Foi criança, jovem e adulto. Venceu a Satanás em todas as suas tentações. Do mesmo modo, podemos vencer, como Ele venceu” (VJ, pág. 76).



16 UM REINO DE AMOR

“João Batista fora o primeiro a anunciar o reino de Cristo, e foi também o primeiro a sofrer. As paredes de uma cela na prisão separavam-no agora da liberdade do deserto e das vastas multidões suspensas de suas palavras. [...]

Como os discípulos do Salvador, João Batista não compreendia a natureza do reino de Cristo. Esperava que Jesus tomasse o trono de Davi; e, ao passar o tempo, e o Salvador não reclamar nenhuma autoridade real, João ficou perplexo e turbado. [...]

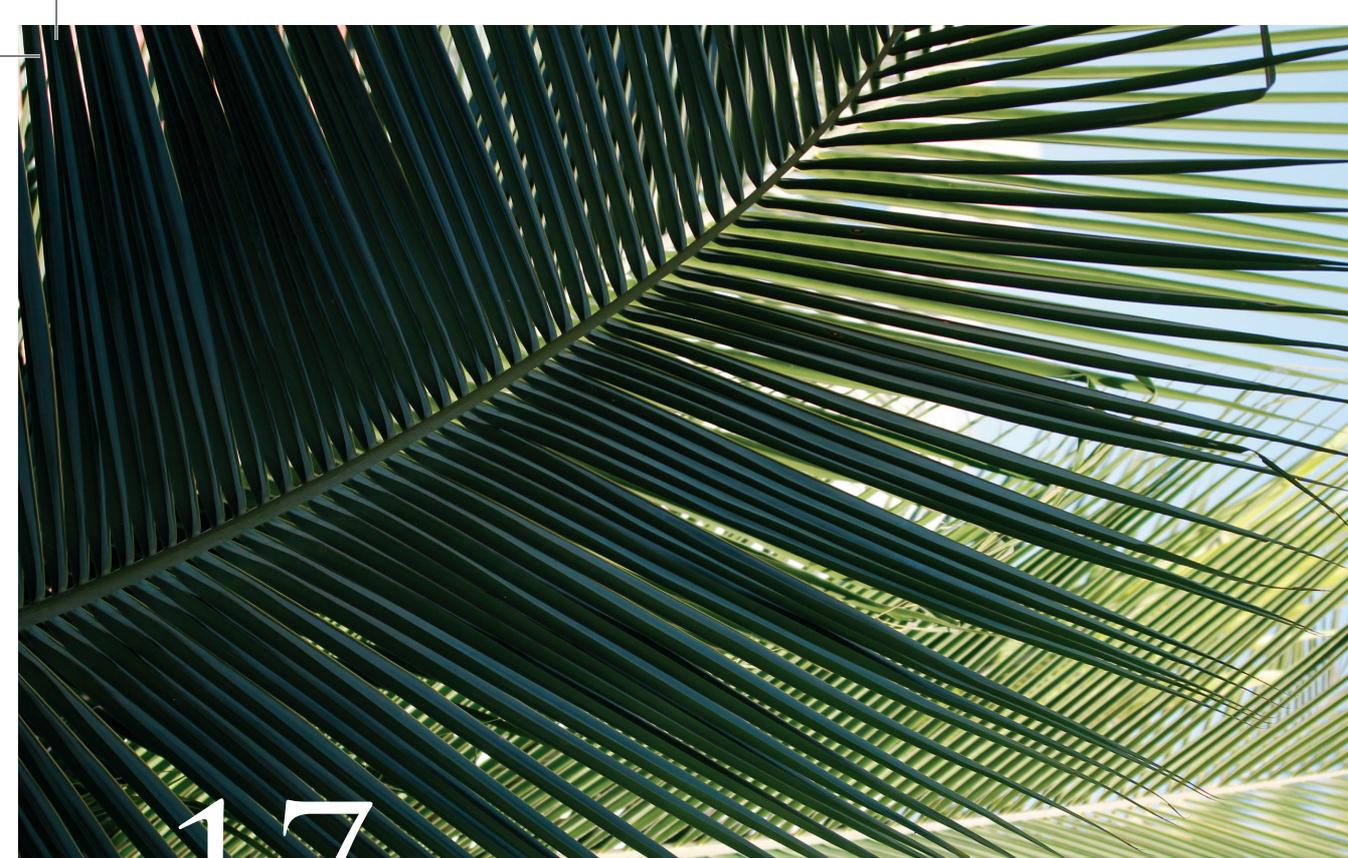
João não queria discutir suas dúvidas e ansiedades com os companheiros. Decidiu enviar mensageiros a indagar de Jesus. Isso confiou a dois de seus discípulos, esperando que uma entrevista com o Salvador lhes confirmaria a fé, e traria certeza a seus irmãos. João ansiava uma palavra de Cristo, proferida diretamente a ele. [...]

Os discípulos foram ter com Jesus, levando sua mensagem: ‘És Tu Aquele que havia de vir, ou esperamos outro?’ (Mt 11:3).” (DTN, pág. 214 a 216).

O coração deste grande homem queria ser acalentado com a certeza de que o reino dos Céus estava sendo estabelecido.

“Quando os mensageiros vieram à presença de Jesus, encontraram-No cercado de muitos doentes que estavam sendo curados. Durante todo o dia os mensageiros esperaram, enquanto Jesus estava incansavelmente ocupado em aliviar aqueles sofredores” (VJ, 80).

Todo o Seu ministério foi dedicado a aliviar o ser humano, que vivia na dor e angústia do pecado. Em cada ato de Cristo estava determinada a destruição do reino do mal e, conseqüentemente, o estabelecimento de Seu reino. A vitória só foi concretizada a partir da morte de Cristo na cruz do Calvário.



17

A ENTRADA TRIUNFAL

Aproximava-Se, Jesus, de Jerusalém para assistir às festividades da Páscoa. Uma grande multidão, que também se dirigia para participar desse importante evento, cercava-O. Ao Seu comando, dois discípulos trouxeram um jumentinho, para que, montado nele, pudesse entrar em Jerusalém. O animal que montava era o mesmo cavalgado pelos reis de Israel, e a profecia predissera que assim viria o Messias a Seu reino.

“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e Salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9:9).

“Logo que Ele Se sentou no jumentinho, um grande grito de triunfo atrou nos ares. A multidão aclamou-O como o Messias, seu Rei. Todos estavam contentes e despertos; disputavam entre si o render-Lhe honras. Não lhes era possível presentear-Lo com dádivas custosas, mas estendiam as vestes exteriores à guisa de tapete em Seu

caminho, e também espalharam ramos de oliveira e palmas por onde devia passar. Não podiam abrir o cortejo triunfal com bandeiras reais, mas cortavam ramos de palmeira, os emblemas de vitória da natureza, e os agitavam no ar com altas aclamações e hosanas” (DTN, pág. 570).

“O Filho de Deus estava prestes a tornar-Se um sacrifício pelos pecados do homem. Sua igreja, em todos os tempos, deveria tornar o tema de Sua morte um assunto de profundo estudo e reflexão. Era, portanto, necessário, que a atenção de todos fosse dirigida a Ele.”

Centenas de pessoas desejavam que Cristo assumisse o reino de Israel, libertando-as das maldosas mãos dos romanos. O sonho delas era que Jesus, com o Seu poder, enfrentasse o exército e o destruísse. Porém, ficaram frustrados, pois isso não aconteceu. O que Jesus desejava era reinar no coração de cada ser humano. Ele deseja fazer, hoje, o mesmo em sua vida.



18 A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

“No princípio de Seu ministério, Cristo expulsara do templo os que o manchavam por seu profano tráfico; e Sua atitude severa e divina enchera de terror o coração dos astutos comerciantes. Ao fim de Sua missão, foi Ele outra vez ao templo e encontrou-o de novo profanado como antes”(DTN, pág. 589).

Naquele instante, a divindade irrompeu através da humanidade e deu a Jesus um poder e glória que jamais se manifestara nEle antes. O silêncio tornou-se quase insuportável.

Finalmente Ele disse em voz clara e com tal poder que sacudiu as pessoas como uma violenta tempestade. E, com autoridade maior ainda da que manifestara três anos antes, ordenou: ‘Tirai daqui estas coisas’ (Jo 2:16).

Em outra ocasião, os sacerdotes e os líderes do templo haviam fugido diante de Sua voz cheia de autoridade. Depois sentiram-se envergonhados de seu temor e decidiram que não mais recuariam daquele jeito.

Porém, naquele momento sentiram-se mais aterrorizados ainda e com toda pressa saíram do templo, levando consigo sua mercadoria” (VJ, pág.89 e 90).

“Ao saírem do templo, encontraram no caminho uma multidão que trazia os enfermos, indagando pelo grande Médico. O pátio do templo se encheu de doentes e moribundos, e, mais uma vez, Jesus os socorreu” (DTN, pág.592).

Hoje, o que Jesus deseja fazer é entrar em nosso coração e expulsar tudo de ruim que está impedido a nossa comunhão com o Pai.



19 A PÁSCOA

“Chegara o tempo em que Jesus devia comemorar a festividade com Seus discípulos, e pediu a Pedro e a João que encontrassem um lugar e preparassem a ceia da Páscoa. [...] O Salvador dissera a Pedro e a João que, ao saírem pelas ruas, encontrariam um homem com um cântaro de água. Deveriam então segui-lo até a casa em que entrasse e dizer ao dono da casa: ‘O Mestre manda perguntar-te: Onde é o aposento no qual hei de comer a Páscoa com os Meus discípulos?’ (Lc 22:11).

Esse homem deveria, então, mostrar-lhes uma sala espaçosa no andar superior da casa, provida com tudo de que precisavam e ali deveriam preparar a ceia pascal. Tudo aconteceu conforme Jesus havia dito” (VJ, pág.94).

Tudo estava em seu devido lugar. Os discípulos estavam sentados à mesa com seu Mestre, e achavam-se diante dEle

os pães asmos e o vinho pascoal livre de fermentação, usados no período da páscoa.

Através destes emblemas, Cristo ilustra Seu próprio e irrepreensível sacrifício. Coisa alguma corrompida por fermentação, símbolo do pecado e da morte, podia representar “o Cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pe 1:19).

“E, quando comiam, Jesus tomou o pão, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, e disse: ‘Tomai, comei, isto é o Meu corpo.’ E, tomando o cálice, dando graças, deu-lho, dizendo: ‘Bebei dele todos; porque isto é o Meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de Meu Pai’”. (Mt 26:26-29).



20 O SALVADOR DO MUNDO

Jesus viu que os discípulos não podiam suportar o que lhes tinha a dizer. Ao contemplar-lhes o rosto, as palavras de advertência e conforto estancaram-se-lhes nos lábios. “Mesmo na sala da páscoa, na hora solene em que o Mestre já estava a entrar na sombra do Getsêmani, houve ‘entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior’ (Lc 22:24). Nada mais viam senão o trono, a coroa e a glória, enquanto precisamente diante deles se achavam a ignomínia e agonia do jardim, do tribunal, da cruz do Calvário” (DTN, pág.144).

Apegavam-se os discípulos à sua idéia favorita, de que Cristo firmaria Seu poder e assumiria Seu posto no trono de Davi; e, no íntimo, cada um continuava a anelar a posição mais elevada no reino. Mas o Salvador veio ao mundo para trabalhar pelos outros, vivendo para ajudar e salvar os necessitados e pecadores. Ele deseja que façamos o mesmo. “Enquanto participavam da ceia, os discípulos perceberam o sofrimento de Jesus. Uma atmosfera de

tristeza contagiou a todos e comiam em silêncio.

Finalmente, Jesus disse: ‘Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá’ (Mt 26:21).

Os discípulos ficaram surpresos e entristecidos com aquela declaração de Jesus e cada um começou a examinar seu coração para ver se havia nele algum mau desígnio contra Seu Mestre.

Um após o outro perguntava: ‘Porventura, sou eu, Senhor?’ (Mt 26:22).

Só Judas permanecia calado. Isso fez com que todos os olhares se voltassem para ele. Percebendo que estava sendo observado, também perguntou: “Acaso, sou eu, Mestre?” Jesus lhe respondeu em tom solene: ‘Tu o dissest’ (Mt 26:25).

Jesus havia lavado os pés de Judas, mas isso não fez com que amasse o Mestre mais do que antes. Ficou aborrecido porque Cristo havia feito o trabalho de um servo. Agora ele sabia que Jesus não seria rei e isso fez com que ficasse mais determinado a traí-Lo” (DTN, pág.144).



21

O GETSÊMANI

Devemos olhar para Jesus e tê-Lo como fonte de inspiração e exemplo de vida, pois durante o período em que aqui viveu, dedicou todo o Seu tempo à oração, comunhão com o Pai e ao reino dos Céus.

“Passou muitas horas a sós com Deus e, com frequência, Suas preces sinceras subiam ao trono celeste, buscando asabedoria e aforça de que necessitava para sustê-Lo em Sua obra, e para guardá-Lo de cair nas tentações de Satanás” (DTN, pág.144).

Foi com o espírito de oração e entrega a Deus, que, “em companhia dos discípulos, fez o Salvador vagorosamente o caminho para o jardim de Getsêmani. A Lua pascoal, clara e cheia, brilhava num céu sem nuvens. Silenciara a cidade de tendas de peregrinos. [...]”

Ao aproximarem-se do jardim, os discípulos notaram a mudança que se operara em seu Mestre. Nunca dantes O

tinham visto tão indizivelmente triste e silencioso. À medida que avançava, mais se aprofundava essa estranha tristeza; todavia, não ousavam interrogá-Lo quanto à causa da mesma. Seu corpo cambaleava como se estivesse prestes a cair” (DTN, pág.144).

“A terrível noite de agonia para o Salvador começou quando Se aproximou do jardim. Parecia que a presença de Deus, que até então O sustentara, não mais O acompanhava. Começou a sentir o que significa separar-Se do Pai. [...]”

Cristo não sofria por Seus pecados, mas pelos pecados do mundo. Sentia o desagrado de Deus contra o pecado como o pecador sentirá no grande dia do juízo” (DTN, pág.144).

Hoje, o que Ele espera de nós? Que atendamos ao Seu convite e nos entreguemos a Ele. Assim, iremos receber poder para um viver santo e teremos força espiritual e graça, por meio de Cristo.



22 A PRISÃO

O anjo retirou-se e a luz se apagou. Jesus poderia ter escapado, mas permaneceu ali, calmo e com perfeito domínio de Si mesmo, enquanto os discípulos estavam assustados demais para dizer uma só palavra. Os soldados logo se recobram, levantando-se, e, junto com os sacerdotes e Judas, rodearam Jesus. Pareciam envergonhados de sua fraqueza e temerosos de que Ele pudesse fugir. O Salvador pergunta-lhes de novo:

‘A quem buscais?’ Responderam-lhe: ‘A Jesus, o Nazareno’. Então, lhes disse Jesus: ‘Já vos declarei que sou Eu; se é a Mim, pois, que buscais, deixai ir estes’ (Jo 18:7 e 8)”(DTN, pág.144).

Enquanto Jesus estava preocupado em proteger seus discípulos, “Judas, o traidor, não esqueceu a parte que devia desempenhar. Quando a turba penetrou no horto, fora ele que a conduzira, seguido de perto pelo sumo sacerdote.

Aos perseguidores de Jesus dera um sinal, dizendo: ‘O que eu beijar é esse; prendei-O’ (Mt 26:48). Pretende então não ter parte nenhuma com eles. Achegando-se a Jesus, toma-Lhe a mão como um amigo familiar. Com as palavras:

‘Eu Te saúdo, Rabi’, ele O beija repetidamente e parece chorar, como sentindo com Ele o perigo que corria.

Jesus lhe disse: ‘Amigo, a que vieste?’ (Mt 26:50). A voz tremia-Lhe de dor, ao acrescentar: ‘Judas, com um beijo traís o Filho do homem?’ (Lc 22:48). Esse apelo deveria ter despertado a consciência do traidor, e tocado seu obstinado coração; mas a honra, a fidelidade e a brandura humana o haviam abandonado. Permaneceu ousado e em desafio, não mostrando nenhuma disposição de abrandar-se. Entregara-se a Satanás, e não tinha poder para lhe resistir”(DTN, pág.144).



23 NA PRESENÇA DE ANÁS E CAIFÁS

Do Getsêmani Jesus “primeiro foi levado à casa de Anás, o antigo sumo sacerdote cujo cargo havia sido ocupado por seu genro, Caifás.”(DTN, pág.144).
Donde Jesus disse:

“Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto” (Jo 18:20).

“Então, voltando-Se para o que O interrogava, disse: ‘Por que Me interrogas? Pergunta aos que ouviram’”. (Jo 18:21).

Os próprios sacerdotes tinham enviado espíões para observar Cristo e relatar cada palavra que dizia. Através deles, sabiam tudo o que Cristo ensinava e fazia em cada reunião. Os espíões tentavam apanhá-Lo em Suas próprias palavras para que, desse modo, pudessem condená-Lo. Por isso o Salvador disse: ‘Pergunta aos que ouviram’ (Jo 18:21). Dirigi-vos aos vossos espíões. Eles ouviram o que Eu disse e podem contar-vos a respeito dos Meus ensinamentos.

As palavras de Jesus foram tão penetrantes e diretas que o sacerdote sentiu que o seu Prisioneiro conhecia suas intenções.

“Caifás considerava Jesus como rival. A ansiedade do povo por ouvir o Salvador, e sua aparente prontidão para Lhe aceitar os ensinamentos, suscitaram os terríveis ciúmes do sumo sacerdote. Contemplando agora, porém, o Prisioneiro, ele foi tomado de admiração pela nobreza e dignidade de Seu porte. Sobreveio-lhe a convicção de que esse homem tinha parentesco divino.”

Ao amanhecer, foi Ele conduzido novamente à presença dos juizes onde a condenação definitiva foi pronunciada.”(DTN, pág.144). Mesmo diante de tantas mentiras, Jesus ficou em silêncio; só falou o necessário, pois não havia o que falar. Sua vida e Seus atos testemunhavam a Seu favor.

Ele espera hoje, que as nossas atitudes também falem mais alto que as nossas palavras.



24 O TRISTE FIM DE JUDAS

“Judas tinha naturalmente um forte amor pelo dinheiro, e, por causa dele, com um beijo traiu o Salvador, no Getsêmani. Depois de entregá-Lo, seguiu cada passo do Filho de Deus, desde o jardim até o interrogatório diante dos príncipes do povo.

Judas ficou cheio de amargura, remorso e vergonha pelo seu traiçoeiro ato de entregar a Jesus. E quando testemunhou o mau trato que o Salvador suportava, ficou vencido. Havia amado a Jesus, mas amara mais o dinheiro. Ofereceu aos sacerdotes o dinheiro que lhe haviam pago e rogou-lhes que livrassem a Jesus, declarando que Ele era inteiramente inocente” (DTN, pág.144).

“Jesus sabia que Judas não havia se arrependido verdadeiramente do seu ato. O falso discípulo temia a punição pelo que havia feito, mas não sentiu genuína tristeza por ter entregue o imaculado Filho de

Deus.

Mesmo assim, Jesus não lhe dirigiu nenhuma palavra de condenação. Olhou-o com piedade e disse: ‘Para isso nasci e para isso vim ao mundo’”. (Jo 18:37).

Um murmúrio de admiração correu pela multidão. Com espanto, presenciaram a longanimidade de Cristo para com Seu traidor.

“Quando Judas percebeu que suas súplicas não dariam resultado, saiu correndo da sala, gritando: ‘É tarde, é tarde demais!’ Sentiu que não podia suportar a crucifixão de Jesus e, em desespero, foi e enforcou-se” (DTN, pág.144).

Não faça como Judas. Coloque hoje mesmo sua vida nas mãos do Grande Mestre. Confie nEle; Ele está de braços abertos para lhe dar o perdão. É só confessar o seu pecado. Ele é fiel e justo para lhe perdoar.



25 NA PRESENÇA DE PILATOS

“Após ter sido condenado pelos juízes do Sinédrio, Cristo foi levado à presença de Pilatos.” (DTN, pág.144). “Desde o princípio, Pilatos estava convencido de que Jesus não era um homem comum.

Voltou-se para o Salvador e perguntou: ‘És Tu o Rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes.’ (Mt 27:11). Ao ouvirem essa resposta, Caifás e os que o acompanhavam apelaram para o testemunho que o próprio Pilatos acabava de ouvir dos lábios de Jesus, de que Ele era, de fato, culpado do crime de que O acusavam. Em altos brados, pediram Sua condenação à morte.

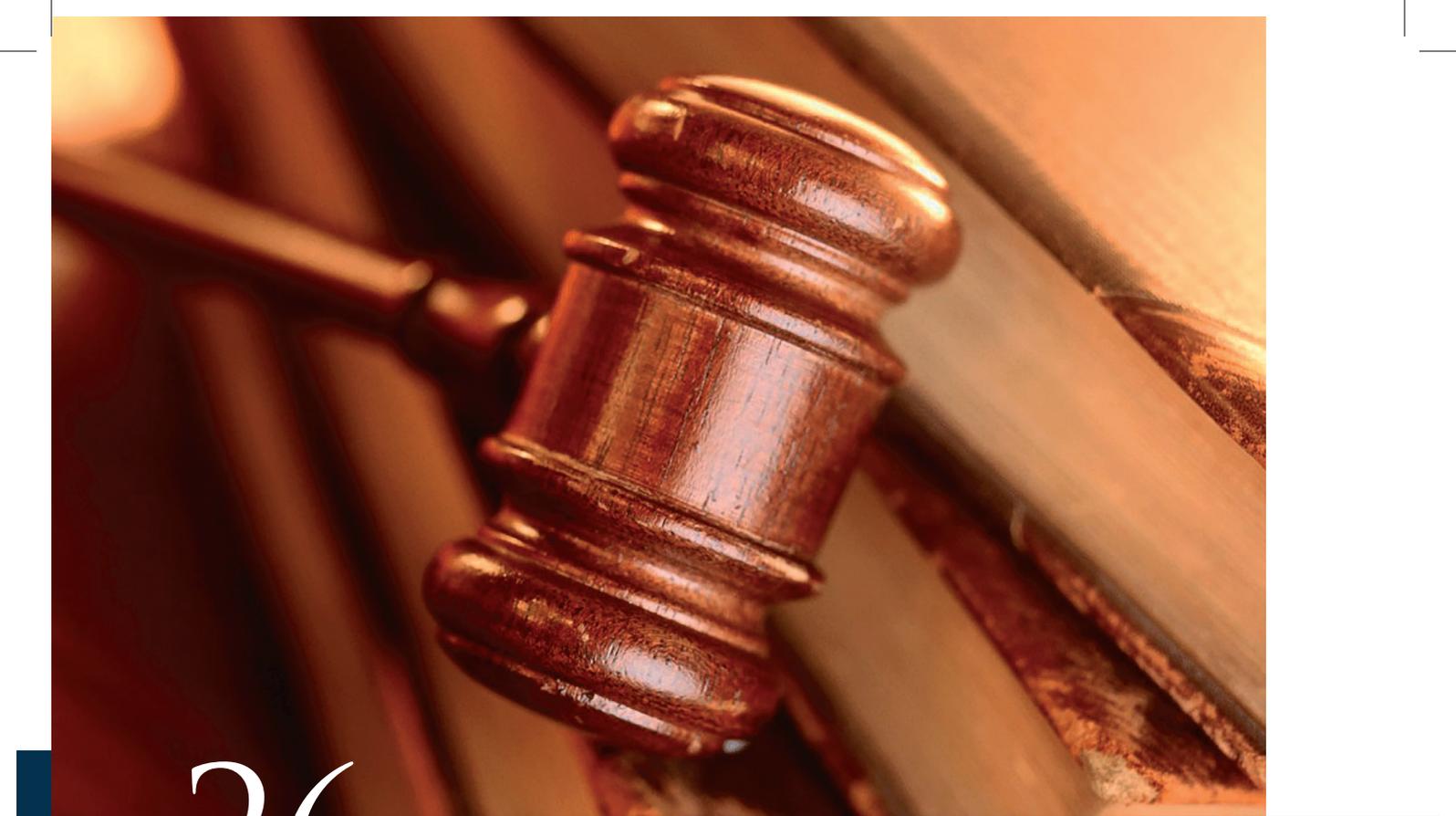
“Jesus não respondeu diretamente a essa pergunta. Sabia que o Espírito Santo estava lutando com Pilatos, e deu-lhe oportunidade de reconhecer a própria convicção. ‘Tu dizes isto de ti mesmo’, perguntou, ‘ou disseram-no outros de Mim?’ (Jo 18:34). Isto é, era a acusação dos sacerdotes, ou o desejo de receber luz de Cristo, que motivava a pergunta de Pilatos? Pilatos compreendeu a

intenção de Jesus; mas surgiu o orgulho em seu coração. Não queria reconhecer a convicção que o assaltava. ‘Porventura sou eu judeu?’ disse. ‘A Tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-Te a mim; que fizeste?’ (Jo 18:35).

Passara a oportunidade áurea de Pilatos. Todavia, Jesus não o deixou ainda sem luz. Conquanto não respondesse diretamente à pergunta de Pilatos, declarou abertamente a própria missão. Deu a entender a Pilatos que não buscava um trono terrestre.

‘O Meu reino não é deste mundo’, disse Ele, ‘se o Meu reino fosse deste mundo, Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz.’ (Jo 18:36 e 37).”

“Até ali Pilatos não havia pensado em condenar Jesus, pois estava certo de Sua inocência.” “Quando Pilatos ouviu que Herodes estava em Jerusalém, sentiu-se grandemente aliviado; pois esperava livrar-se de toda a responsabilidade no julgamento e condenação de Jesus. Logo O enviou, com Seus acusadores, a Herodes.”



26 NA PRESENÇA DE HERODES

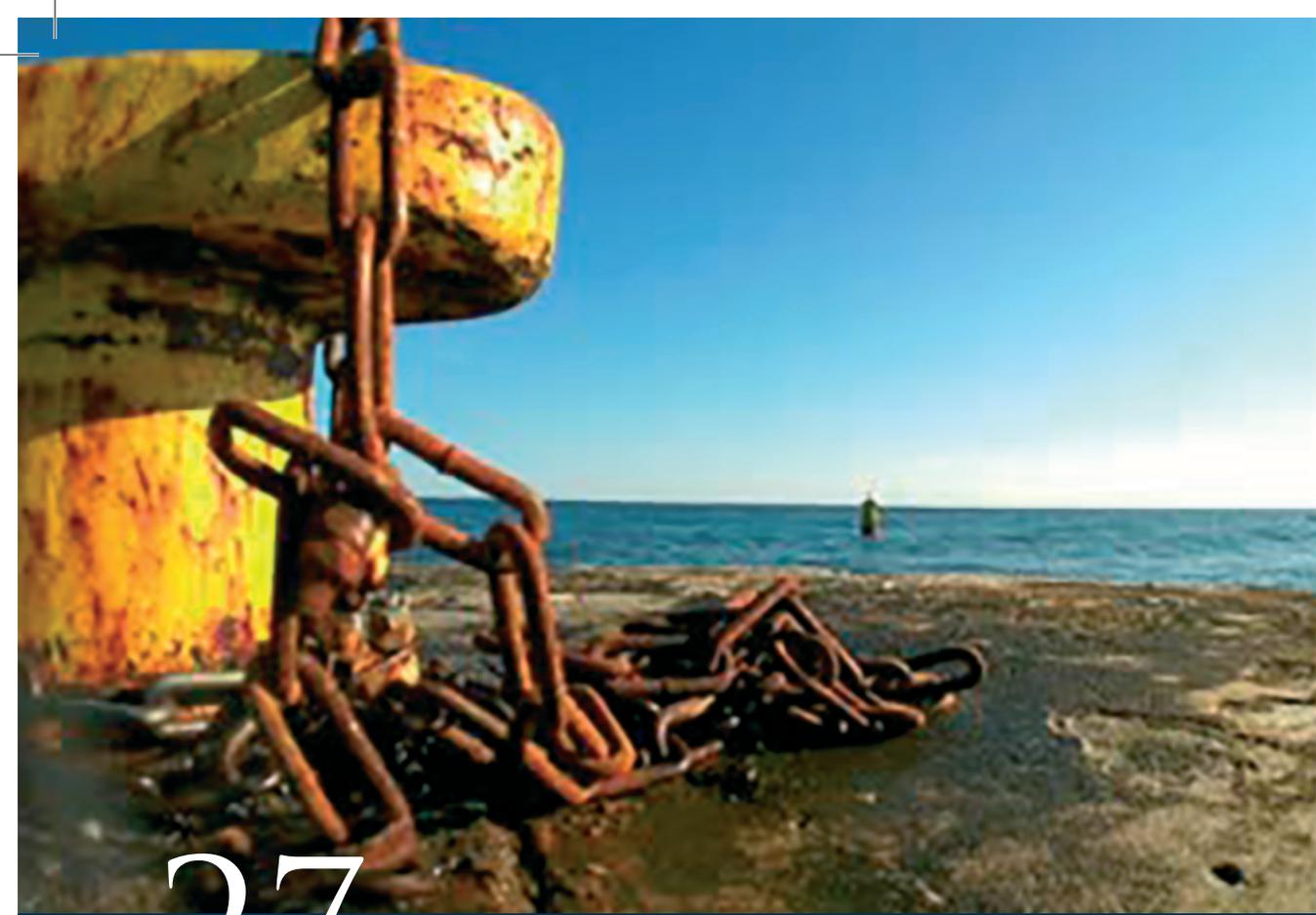
Herodes...Comovido e curioso, olhou o rosto pálido de Jesus. Viu nele traços de profunda sabedoria e pureza. Estava convencido, assim como Pilatos, de que somente a maldade e a inveja eram os únicos motivos que levaram os judeus a acusá-Lo.” “Jesus nada respondeu às muitas perguntas a Ele feitas por Herodes; tampouco replicou a Seus inimigos que O estavam a acusar veementemente. Herodes se encolerizou porque Jesus não pareceu temer seu poder, e com seus homens de guerra escarneceu, zombou do Filho de Deus e O maltratou” (DTN, pág.144).

“O rosto de Herodes se ensombrou de paixão. Voltando-se para a turba, acusou, encolerizado, a Jesus de impostor. E depois, para Ele: se não deres prova de Tua pretensão, entregar-Te-ei aos soldados e ao povo. Talvez sejam bem-sucedidos em Te fazer falar. Se és um impostor, a morte por suas mãos é a única coisa que mereces; se és o Filho de Deus, salva-Te a Ti mesmo

operando um milagre.

Mal se proferiram essas palavras, e fez-se uma arremetida para Cristo. Como animais ferozes precipitou-se a multidão para sua presa. Jesus foi arrastado de um lado para outro, unindo-se Herodes à turba em buscar humilhar o Filho de Deus. Não se houvessem interposto os soldados romanos, repelindo para trás a massa enfurecida, e o Salvador teria sido feito em pedaços” (DTN, pág.144).

“Ao notar, o perverso rei, que Jesus sofria em silêncio todas as injúrias, comoveu-se com um repentino receio de que não tinha diante de si um homem comum. Ficou perplexo com a idéia de que aquele prisioneiro pudesse ser alguma divindade que descera à Terra. Herodes não ousou confirmar a condenação de Jesus. Desejava livrar-se daquela terrível responsabilidade e então enviou-O de volta a Pilatos” (DTN, pág.144).



27

A REJEIÇÃO E HUMILHAÇÃO

Pilatos, ao ler a carta, empalideceu; o povo, ao perceber sua hesitação, redobrou a insistência. Ele sabia que precisava tomar alguma atitude. Era costume, no período da Páscoa, soltar um prisioneiro que o povo escolhesse. Os soldados romanos haviam capturado havia pouco, um criminoso de fama, chamado Barrabás. Era ladrão e assassino. Então Pilatos voltou-se para a multidão e perguntou-lhes com seriedade: ‘A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?’ (Mt 27:17). Toda a multidão, porém, gritava: ‘Fora com Este! Solta-nos Barrabás!’ (Lc 23:18).

Pilatos emudeceu de espanto e desapontamento. Entregando o julgamento ao povo, ele havia perdido a dignidade e o controle da multidão. Daí em diante, tornou-se apenas um brinquedo nas mãos do povo. Eles o levavam aonde queriam. Então perguntou:

‘Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?’ ‘Seja crucificado!’ Responderam todos. ‘Que mal fez ele?’ Perguntou Pilatos. Porém, cada vez clamavam mais: ‘Seja crucificado!’ (Mt 27:22 e 23). ‘Crucifica-O!’, o rosto de Pilatos empalideceu. Ele não imaginara tal desfecho. Repetidas vezes havia declarado Jesus inocente, contudo o povo insistia que Ele sofresse a mais cruel de todas as mortes. Outra vez perguntou: ‘Que mal fez Ele?’ E outra vez o terrível grito ecoou nos ares: ‘Crucifica-O!’ (Mr 15:14).

Se em Cristo fosse encontrada uma única mancha, ou uma única falha ao suportar o terrível teste, o Cordeiro de Deus seria uma oferta imperfeita, e a redenção do homem teria fracassado. Mas Cristo suportou toda a dor e sofrimento, voltando Seu pensamento aos frutos de Seu trabalho, para que você e eu pudéssemos ser salvos da morte.



28 A CONDENAÇÃO

Pilatos comoveu-se profundamente com a paciência e a resignação do Salvador. Pediu que introduzissem a Barrabás na sala do julgamento e, em chocante contraste, achava-se o outro prisioneiro, cujas feições mostrava o criminoso empedernido que era.

Entre os espectadores havia alguns que simpatizavam com Jesus. Mesmo os sacerdotes e príncipes estavam convictos de que Ele era quem dizia ser. Mas não se renderam. Haviam induzido a turba a uma fúria insana e novamente os sacerdotes, os príncipes e o povo gritaram: ‘Crucifica-O, crucifica-O!’ (Jo 19:6).

Finalmente, com a paciência esgotada diante de uma crueldade tão vingativa e irracional, disse ao povo: ‘Tomai-O vós outros e crucificai-O; porque eu não acho nele crime algum’ (Jo 19:6). Pilatos fez tudo o que podia para libertar o Salvador; mas os judeus gritavam: ‘Se soltas a Este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César’ (Jo 19:12).

Tais palavras atingiram Pilatos em seu

ponto fraco. Ele já se tornara suspeito ao governo romano e tal notícia a seu respeito seria sua ruína. “Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: ‘Estou inocente do sangue d’Este Justo; fique o caso convosco!’” (Mt 27:24). Cristo inocentemente foi condenado à morte, na realidade, Ele ocupou o nosso lugar. Esse é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, a única solução para salvar esse mundo perdido.

Hoje, como igreja, temos a responsabilidade de anunciar a vitória de Cristo sobre o pecado. Assim como os Levitas recebiam das outras tribos os dízimos para o seu sustento, e deviam dedicar todo o seu tempo ao serviço do Senhor (Nm 18:21), hoje temos a responsabilidade de entregar o santo dízimo, que visa sustentar homens que dedicam toda a sua vida para anunciar, ao mundo, este Cristo, que passou por torturas e humilhações para nos salvar (I Cr 9:14).



29 O CASTIGO DE CRUZ

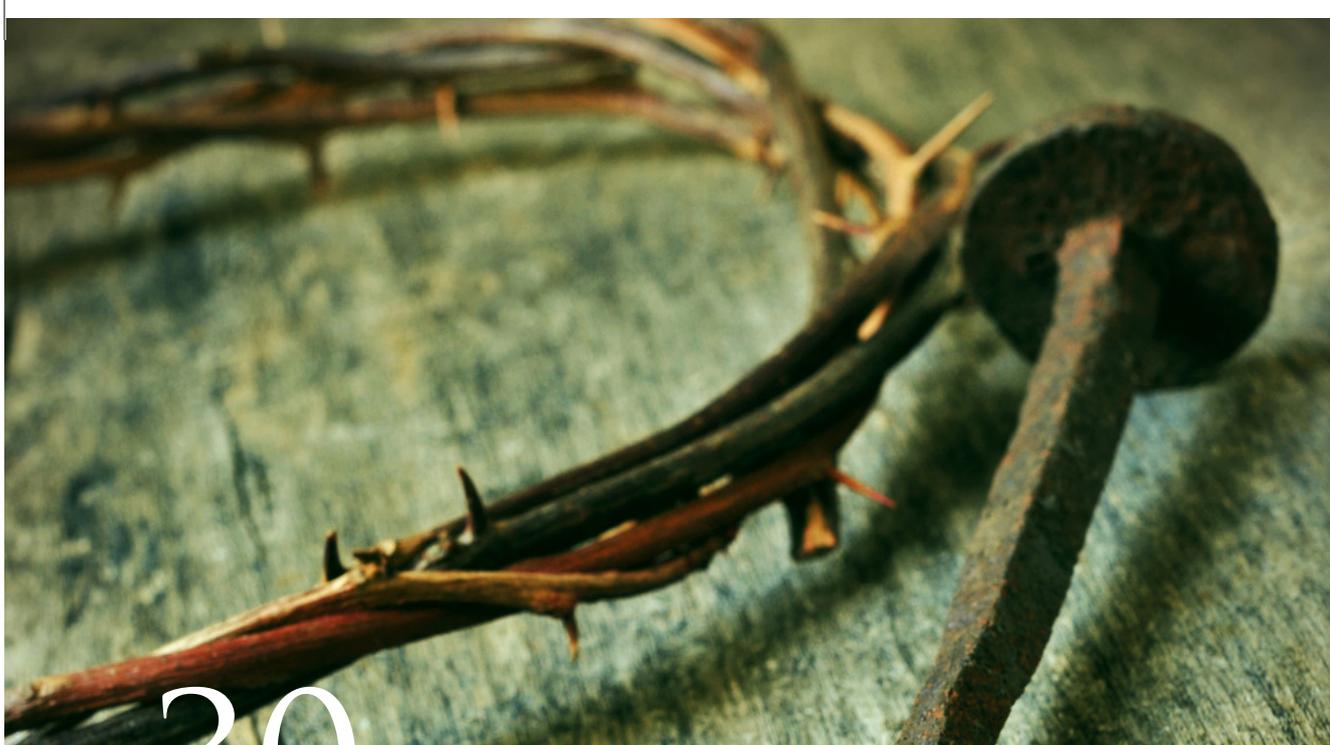
“Uma grande multidão seguiu o Salvador ao Calvário, muitos zombando e injuriando, porém, alguns estavam chorando e expressando Seu louvor. Aqueles a quem Ele havia curado de várias enfermidades, e aqueles a quem havia ressuscitado dos mortos, declaravam Suas maravilhosas obras com fervorosa voz, e procuravam saber o que Jesus tinha feito para ser tratado como um malfeitor. Apenas uns poucos dias antes, eles O aclamaram com alegres hosanas, e agitaram suas palmas, quando Ele entrou triunfalmente em Jerusalém. Mas, muitos que haviam gritado em Seu louvor, porque era popular fazer assim, agora avolumavam o clamor: ‘Crucifica-O! Crucifica-O!’ (Lc23:21)”(DTN, pág.144).

Jesus estava ali para os Seus, mas eles não O reconheceram. As vozes que deveriam unir-se para anunciar o Messias ao mundo, cumprindo assim a missão que Deus havia confiado àquele povo, uniam-

se, não a serviço de Deus, mas a serviço de Satanás. Quão triste deve ter sido para o Céu contemplar esta cena; e quão doloroso foi para Cristo ser rejeitado por aqueles a quem Ele amava tanto.

Cada etapa vencida por Cristo naquela via dolorosa era uma conquista em prol de nossa salvação. O reino de Cristo estava sendo estabelecido. Estes momentos devem ser lembrados. A bandeira ensanguentada de Cristo deve ser erguida, e a salvação anunciada a todos os povos, nações, tribos e línguas. Para isso, Deus estabeleceu a Sua igreja aqui na Terra.

Para manter a tocha do evangelho acesa, Deus destinou os dízimos, dando assim, a cada um de nós, a oportunidade de ser fiel a Ele, contribuindo diretamente na proclamação do Seu nome. Os dízimos são usados unicamente para sustentar os que vivem exclusivamente da pregação do evangelho (Nm 18:21 e 24, I Co 9:14, 2Tm 5:18).



30 A VIA DOLOROSA

A multidão, que seguia Jesus, ia escarnecendo de Sua pessoa. Seus discípulos também O seguiam, com o coração partido, vendo seu Mestre sendo torturado e maltratado. Eles sempre mantiveram a esperança de que algo miraculoso pudesse ser feito por Jesus, como por exemplo, Ele Se libertar de Seus malfeitores. Mas, a cada momento, eles viam que Jesus realmente havia Se entregado e que Sua morte seria certa.

“Chegando ao lugar da crucifixão, os condenados foram amarrados aos instrumentos de suplício. Os dois ladrões reagiram contra os que tentavam crucificá-los; o Salvador, porém, não ofereceu resistência. Enquanto os soldados faziam sua obra, a mente de Jesus desviou-se de Seus sofrimentos para se concentrar na terrível recompensa que aguardava os Seus perseguidores. Tendo piedade de sua ignorância, orou: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.’ (Lc 23:34).

O sacrifício na cruz do Calvário foi e é a oferta de Deus oferecida à humanidade. Jesus deixou no Céu toda a honra, glória e adoração prestada a Ele por Seus anjos,

para ser aqui humilhado, pisado e moído neste mundo vil. Ele se entregou como a maior de todas as ofertas, para a salvação de todos aqueles que O aceitarem.

Hoje, do ponto de vista bíblico, a oferta que entregamos na igreja aponta para Cristo – a oferta de Deus para salvar o homem. Por isso, a oferta deve ser perfeita, isto é, ela não pode ser dada com tristeza, mas com alegria no coração; pois Cristo, mesmo com todo sofrimento, mantinha em Seu coração a alegria de salvar a humanidade. Deus derrama bênçãos sobre todo aquele que oferta com satisfação no coração. “As igrejas que são sistemáticas e liberais em sustentar a causa de Deus, são espiritualmente as mais prósperas.”

No passado, em Israel, Deus instituiu uma oferta especial para a adoração em família e para ajudar os pobres e necessitados. Esta oferta especial era conhecida como “segundo dízimo” (Dt 12,14 e 26). Movidos pelo amor, devemos firmar com Cristo um propósito de sermos fiéis também nas ofertas, assim como Ele fez com cada um de nós, na cruz do Calvário, um PACTO DE AMOR.



31 O CASTIGO DE DOR

Jesus foi pendurado na cruz e ao alto, sobre sua cabeça, foi colocada a inscrição feita por Pilatos: 'Jesus Nazareno Rei dos Judeus' (Jo 19:19). Os sacerdotes pediram a Pilatos que mudasse a inscrição que foi colocada na cruz. Disseram: 'Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que Ele disse: Sou o Rei dos judeus' (Jo 19:21). Mas Pilatos sentia-se descontente consigo mesmo por causa de sua fraqueza e desprezou completamente os príncipes perversos e invejosos, dizendo: 'O que escrevi, escrevi' (Jo 19:22). Assim que Jesus foi erguido na cruz, desenrolou-se uma terrível cena. Sacerdotes, príncipes do povo e escribas juntaram-se à multidão e irromperam em zombarias e insultos contra o Filho de Deus agonizante, dizendo:

'Se Tu és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo' (Lc 23:37). 'Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se. É Rei de Israel! Desça da cruz, e creeremos nEle. Confiou em Deus; pois venha livrá-Lo agora, se, de fato, Lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus' (Mt 27:42 e 43). O sacrifício

de Cristo na cruz do Calvário, como oferta de Deus para nos libertar, mostramos quão pouco temos feito em prol da salvação das pessoas. Poderíamos estar muito mais envolvidos neste ministério de amor, colocando mais os nossos bens e a nossa vida a serviço do evangelho.

Vivemos em uma época áurea da história da Terra. Todo esforço deve ser feito para levar o evangelho a um mundo a perecer. "Agora Deus requer, não menor, mas maiores dádivas que em qualquer outro período da história do mundo. O princípio estabelecido por Cristo é que as dádivas e ofertas sejam proporcionais à luz e às bênçãos fruídas. E disse: A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá" (DTN, pág.144).

Assim como os israelitas e os pioneiros de nossa Igreja, podemos fazer também um PACTO DE AMOR, dando uma oferta mais generosa a Cristo. Fica a nosso critério dar um segundo dízimo ou mais; o que importa, é que esta oferta seja fruto da adoração àquele que deu a Sua vida por nós.





IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

NORDESTE